

UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE - UNIVILLE



**A PESQUISA-AÇÃO E O DESIGN PARTICIPATIVO: SENSIBILIDADE E EMPATIA
PARA ABORDAGEM DE GRUPOS SOCIAIS**

MARIA ODETE DUARTE STAHN

Dissertação de mestrado
Mestrado Profissional em Design

Joinville
Fevereiro de 2016

MARIA ODETE DUARTE STAHN

**A PESQUISA-AÇÃO E O DESIGN PARTICIPATIVO: SENSIBILIDADE E EMPATIA
PARA ABORDAGEM EM GRUPOS SOCIAIS**

JOINVILLE

2016

MARIA ODETE DUARTE STAHN

**A PESQUISA-AÇÃO E O DESIGN PARTICIPATIVO: SENSIBILIDADE E EMPATIA
PARA ABORDAGEM DE GRUPOS SOCIAIS**

Dissertação de mestrado apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Design Profissional, na Universidade da Região de Joinville-UNIVILLE. Orientador: Marli Teresinha Everling.

JOINVILLE

2016

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na publicação pela Biblioteca Universitária da Univille

S781p	<p>Stahn, Maria Odete Duarte A pesquisa-ação e o design participativo: sensibilidade e empatia para abordagem de grupos sociais / Maria Odete Duarte Stahn; orientadora Dra. Marli Teresinha Everling– Joinville: UNIVILLE, 2016.</p> <p>100 f. : il. ; 30 cm</p> <p>Dissertação (Mestrado em Design – Universidade da Região de Joinville)</p> <p>1. Design. 2. Design participativo. 3. Design social. 4. Grupos sociais. I. Everling, Marli Teresinha (orient.). II. Título.</p> <p>CDD 741</p>
-------	--

TERMO DE APROVAÇÃO

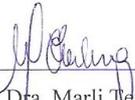
Termo de Aprovação

“A Pesquisa Ação e o Design Participativo: Sensibilidade e Empatia para Abordagem em Grupos Sociais”

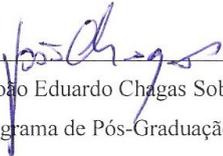
por

Maria Odete Duarte Stahn

Projeto Final julgado para a obtenção do título de Mestra em Design, aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design – Mestrado Profissional.

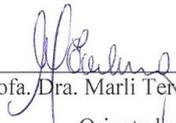


Prof. Dra. Marli Teresinha Everling
Orientadora (UNIVILLE)

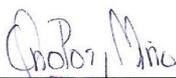


Prof. Dr. João Eduardo Chagas Sobral
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Design

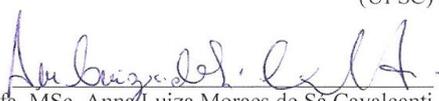
Banca Examinadora:



Prof. Dra. Marli Teresinha Everling
Orientadora (UNIVILLE)



Prof. Dra. Ana Verônica Paz y Mino Pazmino
(UFSC)



Prof. MSc. Anna Luiza Moraes de Sá Cavalcanti
(UNIVILLE)

Joinville, 26 de fevereiro de 2016

DEDICATÓRIA

Sérgio Paulo Stahn, marido amoroso e companheiro;
Pedro Ricardo Stahn, filho querido e cúmplice;
Grupo Pontos de Amor, pelo acolhimento.

AGRADECIMENTOS

Tomada por imenso prazer e alegria mais uma etapa em minha jornada na busca pelo conhecimento está sendo concluída. Neste momento o que me resta é agradecer aqueles que de forma especial, caminharam ao meu lado. A cada situação, havia sempre um anjo (ou vários) ao meu lado. Com carinho e gratidão, agradeço a Deus por cumprir sua promessa de enviar anjos para nos proteger em nossas viagens (“enviarei um anjo adiante de vocês para protegê-los na viagem e para leva-los a um lugar que preparei”(Êx 23:20) Eles se materializaram por meio dos seguintes nomes: Sérgio Stahn, meu marido amado, professor e parceiro incondicional; Pedro Ricardo, filho querido, minha fonte de ternura, acalento e amor (estou sempre renovando as baterias nesta fonte); Marli Everling, minha professora e orientadora, com seu conhecimento, calma, doçura e suavidade tanto nos gestos, quanto nas palavras, me acolhia nos momentos de desespero e dúvidas, tranquilizando e motivando. Seus esforços tornaram possível este momento; A minha eterna mentora, conselheira, professora e (respeitosamente chamarei de ‘amiga’), Ana Verônica Pazmino, que com humildade, amor pela pesquisa, mantém viva minha motivação na busca pelo conhecimento; As Professoras Anna Cavalcante, Ana Verônica e Elenir Morgenstern, pelas considerações na banca de qualificação, que muito contribuíram com o resultado da pesquisa. A Mônica Age, amiga guerreira, obrigada pelas palavras de incentivo. Terry-Mar Lenhard, que brilhantemente me conduziu ao encontro comigo mesma, em meio ao caos que o excesso de informações me lançava. Aos 40 (aproximadamente) anjos que fazem parte do Grupo Pontos de Amor, de maneira especial (Armi Lang, Valmi e Renato Becker, Karin Bruhmuller) usando suas asas imensas me acolheram, acreditaram em meu projeto e por meio de suas orações e engajamento fizeram com que eu alcance os objetivos; A diretoria da Paróquia São Mateus, a secretária Tânia Stock, que prontamente atenderam minhas solicitações de documentos. Agradeço ainda, aos professores, colegas do mestrado e demais pessoas que carinhosamente compartilharam comigo as alegrias e aventuras nestes dois anos de descobertas. Talita Pries, obrigada pelas correções em tempo recorde. Humildemente agradeço a Deus, pelo privilégio de ter cada um de vocês em meu caminho, desejo que Ele abençoe a vida de cada um, mantendo suas asas sempre aconchegantes e fortes para acolher de maneira amorosa (como foram comigo) aqueles que precisam de companhia na jornada do descobrimento de si mesmo.

EPÍGRAFE

Sei o que é estar necessitado e sei também o que é ter mais do que preciso. Aprendi o segredo de me sentir contente em todo lugar e qualquer situação, quer esteja alimentado ou com fome, quer tenha muito ou pouco. Tudo posso naquele que me fortalece.

Filipenses 4:12;14

RESUMO

A presente pesquisa foi desenvolvida no Programa de Mestrado em Design/ PPGDesign oferecido pela Universidade da Região de Joinville/Univille. O objetivo que orientou a pesquisa foi o estudo de ações de design que facilitassem o trabalho com grupos sociais. A relevância da proposta está em desenvolver ações onde o indivíduo que participa de grupos sociais tenha participação ativa no processo de design e, no desenvolvimento de projeto que tenham como base, a valorização do saber informal, compartilhamento de experiências e aprimoramento de técnicas. O percurso metodológico compreendeu a aplicação da pesquisa-ação em conjunto com o design participativo em abordagens envolvendo ferramentas de design no contexto das atividades artesanais desenvolvidas pelo Grupo Pontos de Amor. Os resultados alcançados abrangeram a concretização de ações, com base na pesquisa-ação e design participativo. A experiência apresentou resultados positivos com a sensibilização/conscientização dos participantes do grupo em relação a execução das técnicas baseadas nas ações propostas. Destaca-se ainda, a percepção da importância de atuar a partir de metodologias que busquem valorizar o saber informal, a produção e geração de conhecimentos amparados na participação.

Palavras Chave: Design Participativo; Grupos sociais, Pesquisa-Ação; Empatia.

ABSTRACT

This research was developed in master's degree in Design offered by Univille University. The purpose of research was study methodologies that become easier working with social groups. The proposal's relevance is developing actions where human being has an effective participation in design's process. And the development of projects based on appreciation of informal knowledge, searching experiences and improvement of techniques. The methodological way included the research-action application together with perceptive design in approaches involving design tools in the context of craft activity acquired by "Pontos de Amor" group. The experience presented positive results, by revealing participants' awareness of regarding the implementation of techniques based on the proposed actions. And yet, the importance of working from methodologies that seek to enhance informal knowledge, production and generation of knowledge supported participation

Keywords: Participative Design, Social groups, Research-action; Empathy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Complexo projetual	20
Figura 2 A Santa Ceia	21
Figura 3 Conceitos de sociologia	24
Figura 4 Formação dos grupos sociais	28
Figura 5 Classificação dos grupos sociais	28
Figura 6 Produtos coleção Lã em casa. Grupo Ladrilã	33
Figura 7 Colchas bordadas com temas da flora e fauna do serrado DF	35
Figura 8 Bordado Associação de Bordadeiras de Tabatinga – Flor de Ipê - DF	35
Figura 9 Comunidade de Ceramistas Coqueiro do Campo e Campo do Buriti, MG..	37
Figura 10 Organograma da estrutura da diaconal.....	39
Figura 11 Grupo de diaconia Pontos de Amor	41
Figura 12 Produto desenvolvidos pelo Pontos de Amor.....	44
Figura 13 Diferenciação de termos:	48
Figura 14 Significados dos termos aplicados na Pesquisa-Ação	52
Figura 15 Situação investigada	53
Figura 16 Níveis de alcance da pesquisa-ação.....	56
Figura 17 Similaridade histórica da pesquisa-ação e design participativo	59
Figura 18 Processo metodológico do Design Participativo	60
Figura 19 Concepção e organização da pesquisa-ação	61
Figura 20 Produtos desenvolvidos a partir do reaproveitamento de materiais.....	71
Figura 21: Identidade visual	71
Figura 22 Esquema de montagem com aviamento das fronhas	73
Figura 23 Roteiro da aplicação prática P-A grupo Pontos de Amor	75
Figura 24: Títulos workshops Ponto de Amor.....	79
Figura 25 Roteiro workshop sobre cores.....	80
Figura 26 Círculo cromático	81
Figura 27 Workshop sobre cores	82
Figura 28 Roteiro workshop Criatividade de reaproveitamento de materiais	83
Figura 29 Workshop reaproveitamento de materiais e combinação de cores	84
Figura 30 Roteiro workshop sobre criatividade memória	85
Figura 31: Resultado workshop técnica de criatividade a partir da imagem.....	86
Figura 32 Aplicação da pesquisa-ação no grupo Pontos de Amor.....	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 DESIGN SOCIAL	19
1.1 O Contexto Social	23
1.1.1 A sociologia e os Movimentos Sociais	24
1.1.2 Categorias Sociais	26
1.1.3 Grupos Sociais	27
1.2 Análise de Projetos sociais: saberes artesanais em parceria com o design	29
1.2.1 Projeto 01: Grupo Ladrilã.....	31
1.2.2 Projeto 02: Associação de Bordadeiras de Tabatinga – Flor de Ipê – DF.....	33
1.2.3 Projeto 03: Comunidade de Ceramistas Coqueiro do Campo e Campo do Buriti, Município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais	36
1.3 Grupo Pontos de Amor.....	38
1.3.1 Atividades Sociais do Grupo Pontos de Amor.....	41
1.3.2 As técnicas Artesanais Desenvolvidas Pelo Grupo.....	43
1.4 Síntese do Capítulo	46
2. METODOLOGIA E DESIGN PARA TRABALHAR COM GRUPOS SOCIAIS	47
2.1 Metodologia e Design	47
2.2 Pesquisa-Ação	51
2.3 Design Participativo e Pesquisa-Ação.....	58
2.4 Sensibilidade, Empatia e Usuários no Design Social.....	62
2.4.1 Empatia e Abordagens Sociais.....	64
2.5 Síntese do Capítulo	68
3. AÇÕES DE DESIGN NO GRUPO PONTOS DE AMOR	69
3.1 Diagnósticos e Resultados de Ações	69
3.2 Pesquisa-Ação e Abordagens Desenvolvidas no Grupo Pontos de Amor	74
3.3. Workshop realizados no Grupo Pontos de Amor	78
3.3.1 Workshop Sobre Cores	79
3.3.2 Workshop Criatividade Reaproveitamento de Materiais	82

3.3.3 Workshop de Criatividade: Pesquisa e Compartilhamento	85
3.4 Discussão da Experiência	87
3.4.1 Depoimentos das Participantes do Grupo Pontos de Amor	91
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

Em virtude da natureza deste estudo (fundamentado no Design Participativo e da Pesquisa-ação), do meu envolvimento ativo no grupo social foco da pesquisa e da intenção de transmitir com maior acuidade percepções decorrentes peço licença para conduzir parte da introdução na primeira pessoa.

A busca por mais conhecimento acerca do design social, dos atores e dos conceitos associados tornou-se latente a cada projeto realizado com o grupo social 'Pontos de Amor' objeto deste estudo. Ao entrar em contato com essas pessoas percebi que além de conhecimento técnico e acadêmico era preciso aprender a me comunicar em uma linguagem que tornasse as abordagens mais produtivas e que a mensagem fosse compreendida para produzir o resultado desejado. Embora estudos sobre aspectos relacionados a comunicação tenham adquirido relevância ao longo do século XX, preocupações a ela relacionadas há muito tempo desafiam pessoas que a utilizam como instrumento de sua atividade. O Apóstolo Paulo em sua primeira carta aos Coríntios (1 Co. 14.9;11) destaca a importância da clareza que se deve ter ao transmitir uma mensagem. Ele propõe uma reflexão questionando como os outros vão entender o que vocês estão dizendo se a mensagem por meio de línguas estranhas não for clara? Aqui, acredita-se, que a linguagem técnica, precisa ser traduzida com base no contexto onde será aplicada a ação. No versículo seguinte faz a afirmação: Vocês estariam falando para o vento! Certamente a abordagem não terá resultado, pois as informações passadas se perderiam ao não fazer sentido para as pessoas que estão ouvindo. Paulo prossegue explicando os efeitos das situações onde, dois contextos diferentes se encontram e nenhum deles procura encontrar uma forma colaborativa de comunicação: Se não entendo a língua de quem está falando comigo, essa pessoa é estrangeira para mim e eu sou um estrangeiro para ela¹. Em virtude do movimento de promover a diferença, mesmo que pequena, na vida do outro é que surgiram as primeiras interrogações que originaram a presente pesquisa. A busca por mais conhecimento relacionado ao uso do design social visando primeiro o benefício das pessoas e, somente depois voltado para os produtos decorrentes de sua atividade deu sentido a primeira questão: O que é 'social'? Que termo é este e como sua relação

¹ Bíblia sagrada, 1 Carta de Paulo aos Coríntios. Capítulo 14; versículos: 9;11 (ano)

com design atua para melhorar a qualidade de vida das pessoas? A definição trazida pelo dicionário de que “Social é relativo à sociedade ou pertencente a ela”² não dá conta da dimensão do termo e sua importância na vida das pessoas.

Durante minha graduação (entre 2007 e 2009) tive a oportunidade de atuar como bolsista em projetos de design social; o enfoque era voltado a atender pessoas que faziam parte do Programa Federal Economia Solidária. Esta experiência ajudou a definir qual seria o meu campo de atuação com profissional da área do design. Ao finalizar minha graduação em design de Moda (2010) fui convidada a atuar como designer responsável por um projeto com artesãos e percebi na prática, os desafios e as barreiras culturais que precisam ser escaladas para alcançar um resultado. Alguns obstáculos foram vencidos com a prática e o trabalho colaborativo com outros profissionais, porém, a necessidade de buscar mais conhecimento, conhecer novas ferramentas que contribuíssem na simplificação da linguagem para facilitar a transmissão da mensagem, tornou-se latente. Sendo assim, a volta para os bancos da academia foi inevitável para responder algumas questões que necessitavam de uma base científica para atingir metas e objetivos de forma segura e responsável.

A trajetória ao longo da especialização de mestrado possibilitou um passeio por diferentes áreas do design que até aquele momento me eram desconhecidas. A disciplina Design e Relações de Uso (PPGDesign/Univille), lançou luz sobre minhas inquietações e novos conceitos passaram a fazer parte do meu cotidiano como designer atuante no campo do design social.

Delineamento da Pesquisa e Estrutura da Dissertação

A presente dissertação buscou compreender o contexto social e como este se relaciona com as abordagens do design. O problema de pesquisa foi composto pelo seguinte questionamento: Quais ações de design poderiam ser utilizadas para trabalhar com grupos sociais, cujo foco seja o compartilhamento de saberes, aprimoramento de técnicas manuais e o empoderamento dos participantes? O objetivo que orientou a pesquisa pode ser descrito como: Analisar métodos que

² Silveira Bueno, dicionário da língua portuguesa (2000)

possam trabalhar com o design, cujo foco seja o usuário e como estes podem ser aplicadas no design social.

Para responder ao problema e alcançar o objetivo, o percurso metodológico da pesquisa considerou: (1) aspectos relacionados ao Design Social (considerando contexto social, categorias sociais, grupos sociais no intuito de contribuir com análises preliminares de projetos sociais apoiados em saberes artesanais/de design e na caracterização do grupo Pontos de Amor); (2) Metodologias e abordagens (de pesquisa e de design) apropriadas para trabalhar com grupos sociais e Ações de Design no grupo Pontos de Amor (embora a abrangência do estudo inicial tenha incluído Design Centrado na Pessoa, Design for Change, Design Participativo, Design Contemporâneo e conceitos associados como Abordagem Centrada na Pessoa, Sensibilidade e Empatia, em nome da objetividade, para o relato final optou-se por manter apenas as discussões mais articuladas aos conceitos que realmente trouxeram contribuições para o estudo: Pesquisa-ação, Design Participativo, Empatia e Sensibilidade); (3) Análise e discussão dos resultados das ações conduzidas no grupo Pontos de Amor incluindo o histórico, possibilidades de Pesquisa-Ação e Design Participativo a partir da realização de três *workshops* e, por fim, a discussão dos resultados. A estrutura da dissertação foi desdobrada a partir do percurso metodológico de acordo com o detalhamento dos próximos parágrafos.

O primeiro capítulo intitulado como **Design Social**, expõe de forma descritiva (baseada em fundamentação teórica e amparada em referências bibliográficas oriundas de livros e artigos científicos) conceitos de design apresentado por Bürdek (2009). Para refletir acerca do design social buscou-se compreender sua definição e o alcance a partir dos apontamentos do livro 'Design para o Mundo Real' do autor Victor Papanek (1971); no livro o autor discorre acerca da função do design e como as ferramentas projetuais podem ser utilizadas para desenvolver produtos e serviços que proporcionam melhor qualidade de vida às pessoas menos favorecidas na sociedade. No campo da sociologia foram utilizados como base os estudos de Lakatos (2014) e Fichter (1967) que apresentam a configuração da sociedade e suas divisões; também foram utilizadas reflexões de Sennett (2012) que aborda o contexto histórico das reflexões que geraram o pensamento social como conhecemos nos dias atuais. A pesquisa analisou 3 grupos sociais, compostos por artesãos que tiveram ações desenvolvidas em parceria com o design. O capítulo finaliza apresentando o grupo

Pontos de Amor, sua configuração, objetivos, técnicas manuais desenvolvidas pelas voluntárias e a participação do design na rotina do mesmo.

O Segundo Capítulo cujo título é **Metodologia e Design para Trabalhar com Grupos Sociais** inicia com abordagem de conceitos, função e tipificação da metodologia. Ao longo dele foram abordados métodos que podem ser aplicados a projetos sociais que tem como base a geração de conhecimento, empoderamento e conscientização dos participantes. Na sequência foi incluída a pesquisa-ação, sua configuração como método de pesquisas sociais e a possibilidade de associação deste método com abordagens de design que tem o usuário como participante ativo no processo. Os autores utilizados como referência foram Pazmino (2012) que apresenta a metodologia de design voltado para o desenvolvimento de produtos; Thiollent (2011) traz conceitos da pesquisa-ação e suas especificações; Santa Rosa (2012) que aborda Design Participativo e Bonsiepe (2012) que discorre sobre a metodologia clássica do design e as metodologias híbridas considerando temas atuais da sociedade. Para finalizar o capítulo os conceitos de sensibilidade e empatia foram relacionados com as abordagens estudadas como ferramentas essenciais para trabalhar com grupos sociais e promover o compartilhamento de saberes manuais e a melhoria na troca de conhecimentos.

O terceiro capítulo denominado **Ações de Design no Grupo Pontos de Amor**, apresenta de forma prática, as ações que foram aplicadas nas atividades desenvolvidas no grupo Pontos de Amor e como a Pesquisa-Ação pode ser aplicada conjuntamente com abordagens do design. As ações descritas revelam a importância do conhecimento formal em conjunto com o conhecimento informal para fomentar a interdisciplinaridade promovendo a geração de novos conhecimentos por meio de experiências colaborativas. A forma de trabalho com base na pesquisa-ação e design participativo mostrou que com a flexibilidade do método é possível adaptá-lo conforme a realidade do grupo e os objetivos da ação. Além de solucionar problemas, busca integrar o participante, instigando-o a tomar parte, pois assim, efetiva o conceito de participação em sua totalidade, seja esta de forma afetiva ou instrumental. O respeito aos limites e o contexto social dos envolvidos pode ser trabalhado com base na empatia, pois, conseguimos nos comunicar melhor e simplificar a mensagem quando atitudes de humildade nos permitem uma aproximação mais humana, baseada na disposição para ouvir, e posteriormente ensinar a fazer.

O termo design possui ampla interpretação e aplicação, sendo assim, a presente dissertação observa o conceito de design defendido pelo ICSID (*International Council of Societies of Industrial Design*) (2016)³. De acordo com a associação o Design configura-se como um processo estratégico de resolução de problemas que impulsiona a inovação, possibilita o sucesso de negócios e leva a uma melhor qualidade de vida através de produtos inovadores, sistemas, serviços e experiências. O design preenche a lacuna entre o que é e o que é possível. É considerada uma profissão transdisciplinar que aproveita a criatividade para resolver problemas e co-criar soluções. Pensando de maneira otimista, o design procura olhar para o futuro reformulando problemas e transformando estes em novas oportunidades. Ele agrega inovação, tecnologia e pesquisas para empresas e clientes promovendo valor e vantagem competitiva através das esferas: econômica, social e ambiental.

De acordo o conceito ampliado de design, exposto pela ICSID (2016), os Designers devem colocar o ser humano no centro do processo, com isso, serão capazes de adquirir profunda compreensão das necessidades dos usuários e por meio da empatia resolver diferentes problemas, sejam estes relacionados a produtos, sistemas, serviços e experiências. Os profissionais do campo do design são capazes de desenvolver ações que vão ao encontro de variadas áreas do saber, por meio da troca de experiências e compartilhamento de ideias, buscam atender determinados interesses. No ato de execução de seu ofício os designers levam em conta os impactos econômicos, sociais e ambientais em suas criações para que suas ações contribuam com a co-criação de uma melhor qualidade de vida.

O conceito de design cujo foco está voltado para o ser humano, baseado na empatia e compartilhamento de experiências nortearam as ações apresentadas no percurso da pesquisa.

³ Tradução livre:
DEFINITION OF INDUSTRIAL DESIGN: <http://www.icsid.org/about/about/articles31.htm>

1 DESIGN SOCIAL

Ao buscar referências a respeito do design social encontraram-se relatos de muitas práticas e experiências resultantes de abordagens bem-sucedidas apresentadas em eventos científicos. Os artigos compartilham experiências nos quais, projetos de design foram explorados na busca por melhoria dos processos produtivos em comunidades carentes. Ao falar do design social discute-se a produção em pequena escala, a valorização dos processos artesanais, as ações que o design pode desenvolver para contribuir para a qualidade de vida das pessoas menos favorecidas da sociedade, bem como, o desenvolvimento de produtos que geram o menor impacto ambiental possível. Atualmente temas como sustentabilidade e inovação são discutidos no contexto da aplicação do design social.

Há três décadas Victor Papanek, lançou um livro sob o título, *Design para o Mundo Real (Design for the real world)*. O autor inicia o livro esclarecendo que escreve o que gostaria de ler e não encontrava disponível no mercado. Os temas abordados na obra ressaltam a importância de projetos de design voltados para os indivíduos, no desenvolvimento de produtos e serviços que privilegiem as necessidades humanas, levando em conta a simplicidade do projeto e a preservação do meio ambiente. Em seu entendimento, o projeto de design deve ser inovador, criativo e interdisciplinar, respondendo as verdadeiras necessidades do homem. Precisa estar orientado pela pesquisa, e respeito pela terra (meio ambiente) não produzindo produtos mal projetados e mal fabricados⁴ (PAPANEK,1971, p.13). Os temas defendidos por Papanek em 1971 continuam latentes nos dias atuais, tornando-se premissas indispensáveis na geração de novos produtos e serviços.

A interdisciplinaridade no campo do design sugere um trabalho conjunto na busca por desenvolvimento de projetos que atendam necessidades sociais e individuais. Bürdek, (2009) ao discorrer a respeito dos conceitos de design, afirma que os mesmos estão baseados nos cânones que norteiam os princípios arquitetônicos escritos por Vitruvius por volta de 80 a 10 a C. De acordo com os textos toda construção deve obedecer três requisitos: solidez, utilidade e beleza. Apropriando-se destes conceitos, o design moderno utiliza esta tríade como modelo para aplicar o funcionalismo nos projetos de design.

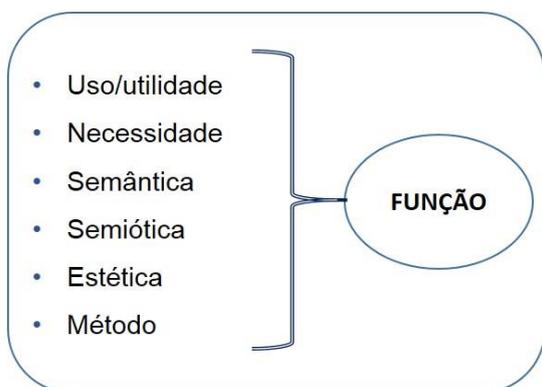
⁴ Tradução livre

Bürdek (2009) e Papanek (1971) elencam alguns elementos que devem ser observados pelo designer, no ato de projetar. Segundo os autores o profissional deve estar atento as inovações tecnológicas e desenvolver produtos que atendam às necessidades dos usuários considerando a facilidade no manuseio; defendem, ainda, que o processo de construção seja claro, respeitando o ciclo de vida do produto (produção, consumo e reutilização) e que promova a comunicação e serviços, evitando, na medida do possível, produtos sem sentido, que em nada contribuem com a melhoria da qualidade de vida. Pazmino (2007) aponta diretrizes para se trabalhar o design social e características que devem ser observadas pelo designer ao prestar este serviço:

O design social exige do designer novas qualidades e conhecimentos, é um campo de grande desafio para os profissionais da área. O trabalho do designer deve valorizar os aspectos sociais, culturais e ambientais da população e desenvolver produtos que satisfaçam as necessidades reais. Respeitar as características das comunidades, das populações marginalizadas, sua cultura, para assim desenvolver produtos que a representem de fato, que sejam adequados a essa realidade, e que satisfaçam as suas necessidades reais (PAZMINO,2007, p. 5)

É preciso aprimorar o processo imersivo para diagnosticar e reconhecer os aspectos que necessitam de interferência do design. Sendo assim, cabe ao designer capacitar-se para compreender e interpretar os desafios sociais que são característicos de cada comunidade, bem como, suas tradições e costumes. Ao falar das sutilezas que o designer deve ter ao pensar o design e seu contexto, Papanek (1971) nomeia de complexo projetual seis fatores metodológicos que devem ser considerados, sendo a função o elemento para o qual se orientam as diferentes abordagens, conforme figura 1.

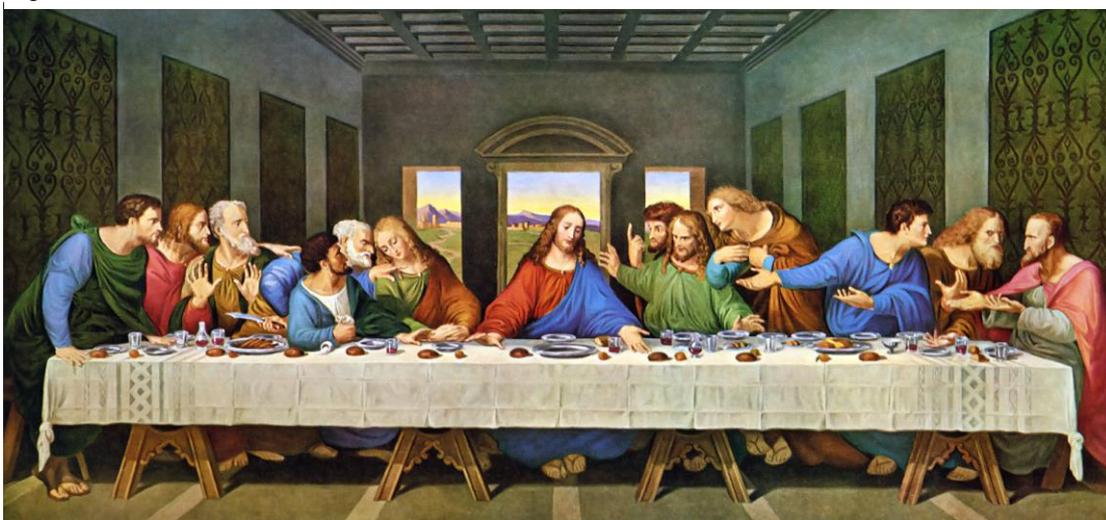
Figura 1: Complexo projetual



Fonte: da autora baseado em Papanek, (1971)

Utilizando a área da arte, o autor cita obras de alguns artistas de diferentes períodos da história da Arte para ilustrar a aplicação prática dos conceitos elencados por ele. Dentre os artistas e obras citados, o autor relaciona os seis conceitos defendidos, por meio de uma analogia com a obra do artista renascentista Leonardo da Vinci: A Última Ceia, (1495-97) que possui 460 por 880 centímetros e foi desenvolvida com a técnica mista e fresco; a obra se encontra na igreja Santa *Maria Delle Grazie*, em Milão, Itália conforme figura 2.

Figura 2: A Santa Ceia



Fonte: site (Web, 2016)

A Última Ceia foi utilizada como pano de fundo por Papanek para discutir a maneira como técnicas projetuais podem ser aplicadas, obedecendo aos requisitos metodológicos na criação de um produto simples e elegante, ressaltando o preceito **estético** como indispensável e muito importante para o desenvolvimento de produtos. Ao falar da **utilidade**, a função da imagem da Última Ceia seria de cobrir a parede; o **método** configura-se por meio dos materiais (pigmentos e composições), ferramentas (pincéis, espátulas), processo de construção, o gesto do artista (pinceladas e características pessoais do artista na execução do trabalho); em relação à **necessidade** o autor destaca a satisfação espiritual; ao abordar a **Semiótica**, Papanek aponta referências bíblicas; já em associação com a **Semântica**, o autor considera a caracterização dos personagens representados de acordo com as características físicas que os espectadores estavam acostumados (cor da pele, tipo de cabelos, indumentária, a posição central de Jesus no meio dos demais como meio de fácil identificação). Apesar da pesquisa e compreensão do texto bíblico, Da Vinci

retratou na cena costumes que eram comuns na Itália no período em que pintava a obra, como o gesto de sentar à mesa, pois, este costume não era praticado na época de Cristo (PAPANÉK, 1971).

O designer ao projetar, deve explorar a sensibilidade para aliar a suavidade da arte e a funcionalidade do design. Na maioria das vezes os desafios encontrados ao atuar no campo social, reservam cenas e situações que são capazes de afetar e desestimular o desenvolvimento do projeto. Porém, neste processo pode-se utilizar como exemplo a postura de artistas que se apropriam de experiências pessoais para materializar sob a forma de poética, mensagens reflexivas e profundas por meio de sua obra, como bem resume Ferreira Goulart em uma crônica publicada em sua coluna semanal no Jornal folha de São Paulo sob o título: “A Arte como Alquimia” em 16 de abril de 2015:

Quando Picasso pintou "Guernica", foi movido pela revolta que nele provocou o bombardeio daquela pequena cidade por aviões alemães, mas, ao pintá-lo, não pretendeu obviamente repetir o sofrimento que o massacre provocara e, sim, pela dramaticidade das figuras que inventou, denunciar a barbárie dos genocidas e exaltar a grandeza da vida humana. Por isso, cabe afirmar que, quando a obra de arte não consegue transcender a barbárie ou a dor, não cumpre sua função. (GOULART, WEB,2016)

Ao longo da crônica o escritor discorre a respeito do poder que a arte verdadeira tem em transformar sofrimento em alegria. A arte bela, segundo Goulart, é esta que não precisa de muita explicação para tocar o público, que fala por si só. Da mesma forma, o designer deve pensar e criar um produto ou serviço que transmita sofisticação e elegância a partir da aplicação correta das ferramentas que o design disponibiliza para cumprir uma função social que tem o ser humano como centro do processo. Para entender o que é de fato o contexto social (campo onde transitam as informações sobre a atuação do designer para promover transformações na sociedade) um pouco de história e as contribuições da sociologia podem servir de lâmpada para clarear as ideias e contribuir com esclarecimentos pouco discutidos no campo do design.

1.1 O Contexto Social

Em 1900 na Exposição Universal ocorrida em Paris na França, aos pés da Torre Eiffel, estandes exibiam as últimas tecnologias em teares industriais, descargas sanitárias, metralhadoras, furadeiras, entre outros que celebravam os avanços industriais e do império. De acordo com Sennett (2012) dividindo a atenção do público (que prestigiava as tecnologias) fazia parte da exposição um espaço denominado “A questão social”, ou museu social (composto por salas, onde eram debatidos temas relacionados a pobreza, políticas sociais e solidariedade); este espaço expunha as condições humanas que a era industrial produzia de forma colateral provocando incomodo, reflexão e debates a respeito das transformações que a sociedade passava. Sennett frisa que nenhum curador de museu moderno apresentaria uma mostra daquela maneira; certamente um curador moderno pagaria uma fortuna por uma tela com “sangue humano ressecado”, expondo a obra como “transgressora”, propondo a partir do gesto do artista uma discussão acerca de questões sociais. Entretanto, naquele contexto, a palavra solidariedade designava “a ligação entre os vínculos sociais do cotidiano e a organização política”(SENNETT 2012, p.51).Na mostra do museu social eram compartilhadas também experiências positivas construídas a partir da cooperação e trabalho voluntário por meio das “casas comunitárias”, estes espaços estavam situados em bairros pobres da cidade e eram mantidos por mulheres de diferentes classes sociais que administravam e prestavam serviços voluntários, ao passo que os banqueiros e pessoas de classe média doavam e financiavam os espaços para que fossem realizadas as atividades.

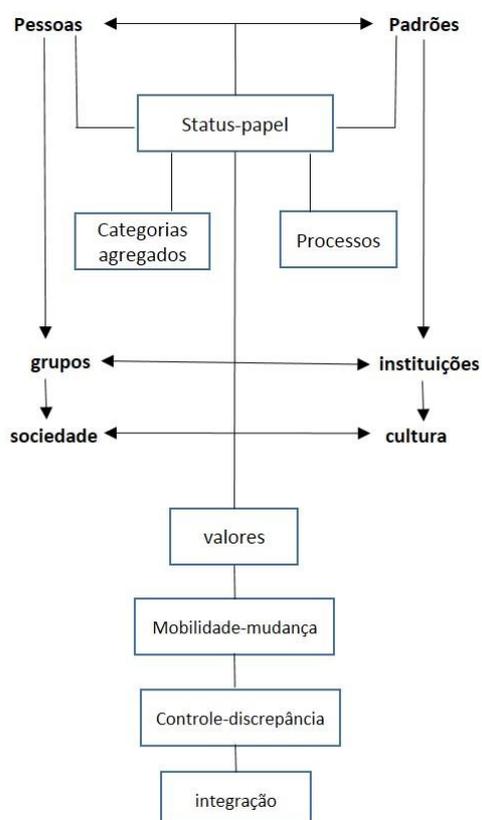
Ainda de acordo com Sennett, os serviços oferecidos nas casas comunitárias variavam entre educação profissional, conselhos sobre questões cotidianas, e um lugar limpo e aquecido para pessoas desabrigadas passarem a noite. Nesta mesma época, surgiram os institutos que possuíam a mesma configuração que as casas comunitárias e sobreviviam por meio de doações. Os institutos tinham como objetivo central “elevar a moral e a capacitação dos antigos escravos através do trabalho cooperativo” (SENNETT, 2012, p. 59). O que diferenciava os institutos das casas de caridade era o fato de que os antigos e experientes escravos compartilhavam os conhecimentos adquiridos durante a condição de escravidão com os mais jovens, ou seja, como não havia muitos professores na época esta função era executada por eles

que ensinavam os seguintes ofícios: carpintaria, agricultura, construção civil e administração doméstica. Com tantas mudanças ocorrendo, as cidades crescendo sem o planejamento adequado e a sociedade se transformando, logo a política e as associações deixaram de dar conta de entender e organizar estas transformações. Era preciso nomear e classificar os conceitos que ajudariam a manter a coesão social.

1.1.1 A sociologia e os movimentos sociais

Com advento da Revolução industrial, pensadores daquele período começaram a traçar novas teorias sobre a sociedade; seus estudos estavam voltados para instituições sociais como: família, religião, grupo social e a contribuição destes para a manutenção e fortalecimento da sociedade. Os conceitos-chave da sociologia podem ser observados na figura 3.

Figura 3: Conceitos de sociologia



Fonte: Fichter, 1967.

De acordo com a disposição dos conceitos no gráfico, as pessoas estão relacionadas diretamente com os grupos e os padrões sociais e por meio destes constituem-se as instituições que compõem a sociedade e a cultura de um povo. O status e papel social desempenhado pelas pessoas de acordo com as categorias nas quais estão inseridas, bem como, os processos que são utilizados para a identificação dos valores, mobilidades e mudança, podem controlar as discrepâncias e integrar as informações a fim de fornecer dados precisos sobre as categorias que configuram a sociedade. O objeto de estudo da sociologia se concentra nas formas de relacionamento e não as pessoas em si.

Durkheim (1858-1917) acreditava que as questões de ordem social passariam a fazer parte da sociedade de forma constante; sendo assim, desenvolveu um método de investigação sistemático, estabelecendo o objeto do estudo da sociologia. O mesmo, foi responsável pela introdução da sociologia na universidade conferindo o reconhecimento de disciplina acadêmica (Martins, 2013)⁵. Seguindo a vertente sociológica os movimentos sociais, podem ser entendidos como “à esfera de ações de grupos organizados, para a conquista de determinados fins estabelecidos coletivamente, que partem de necessidades e visões específicas de mundo e de sociedade” (FERREIRA, 2010, p. 146)⁶. Ainda de acordo com o mesmo autor, para a configuração de um movimento social, alguns elementos são essenciais: projeto, ideologia e organização. O Projeto tem o caráter de organizar as ideias ou planos que devam ser executados no futuro; este pode ser de uma mudança ou conservação das relações sociais do movimento. A partir deste delineamento são traçadas metas e objetivos que orientaram o conjunto de medidas ou estratégias que impulsionaram as ações revelando desta forma a força do movimento perante a sociedade. A Ideologia compõe o conjunto de valores, opiniões, crenças, ou seja, as forças que regem a unidade de determinado grupo ou movimento social. Por meio do estudo da ideologia, a sociologia consegue identificar novos movimentos sociais, pois, a ideologia orienta os projetos e práticas de atuação, bem como revela a natureza de suas ações pela mudança ou conservação de seu status na sociedade.

A organização de um movimento revela seu modo de operação interno, de acordo com a formação hierárquica assumida. Pode ser centralizada ou descentralizada. Em ambas as formas tem vantagens e desvantagens. Na organização centralizada a estrutura é pautada por uma coordenação definida, sendo esta conduzida por um ou mais líderes, eleitos periodicamente ou de forma permanente, com a função de direcionar as ações do

⁵ MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

⁶ FERREIRA, Delson. **Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação**. 2. ed. São Paulo: Atlas; 2010

movimento. A vantagem desta organização é a agilidade nas ações. A desvantagem pode estar em transformar os integrantes liderados em massa de manobra no movimento. Na organização descentralizada a direção das ações ocorre de forma coletiva e a alternância da liderança é permanente. A desvantagem está na demora na tomada de decisão das ações, bem como, certa desorganização e morosidade na efetivação dos objetivos delineados nos projetos do movimento.

1.1.2 Categorias Sociais

A sociedade foi se moldando para dar conta de questões sociais que vão surgindo de acordo com as transformações que o tempo proporciona. Com o auxílio da sociologia, que tem como objeto de estudo compreender as relações sociais, “as formas de associação, destacando-se os caracteres gerais comuns a todas as classes e fenômenos sociais, fenômenos que se produzem nas relações de grupos entre seres humanos” (LAKATOS, 2014, p.25) ocorre nas interações que geram diferentes cenários. É neste contexto social que as pessoas interagem e mantêm viva a sociedade e que existem as categorias sociais que permitem maior conhecimento das características da população, analisando elementos comuns a determinada parcela da população por meio dos censos⁷ nacionais.

Dados primários analisados pelo censo (como sexo, idade, estado civil, naturalidade, origem étnica, religião e profissão) podem ser expandidos para obter informações acerca do nível de vida das pessoas; por meio da comparação com resultados de pesquisas anteriores é possível obter estatísticas que apontam tendências de mudanças sociais. Para realizar esta análise os procedimentos de coleta de dados utilizados pelo censo direcionam a investigação para questões de ordem material como: remuneração salarial, tipo de residências (casa ou apartamento), propriedade da casa (particular ou aluguel) número de aposentos, quantidade de banheiros, tipos de eletrodomésticos utilizados na residência, propriedade de veículos entre outros. (LAKATOS, 2014, p. 107). Os dados citados

⁷**Censo** é o conjunto de **dados estatísticos** que informa diferentes características dos habitantes de uma cidade, um estado ou uma nação. De acordo com Lakatos (2014) os censos permitem obter um quadro geral das características da população. Quanto maior o número de itens significativos presentes nas especificações dos censos, mais completas serão as informações sobre as características das pessoas de determinada região ou país.

acima, são utilizados como fonte para o estabelecimento de categorias sociais, que difere de grupos sociais conforme Fichter, (1967)

Uma categoria social é uma pluralidade de pessoas que são “consideradas” como uma unidade social pelo fato de serem efetivamente semelhantes em um ou mais aspectos. A semelhança ou a participação de características comuns é o elemento essencial da definição de categoria social e constitui também a diferença mais importante entre uma categoria e um grupo social. (FICHTER, 1967 P. 85)

O conhecimento acerca das categorias sociais implica de maneira prática na gestão pública de uma sociedade. Ao saber o número de crianças que nascem a cada ano, é possível prever a quantidade de vagas que deveriam ser ofertadas nas escolas, bem como, o número de idosos que precisam de cuidados médicos. Estudantes, professores e pessoas casadas fazem parte de categorias sociais ao passo que, a família consiste em um grupo social, pois seus membros possuem relações recíprocas.

1.1.3 Grupos Sociais

Um grupo social segundo Fichter (1967) consiste em coletividade identificável, estruturada, contínua de pessoas sociais que exercem papéis mútuos, segundo normas determinadas, interesse e valores sociais, para a manutenção de objetivos comuns. Para a conservação dos grupos é interessante que haja meios para o recrutamento de novos membros. Sendo os grupos constituídos por indivíduos, a sociedade analisa os grupos e não as pessoas. Assim, o surgimento, a manutenção e a diferenciação dos grupos contribuem para entender o comportamento da sociedade. Os grupos podem ser classificados de acordo com as atividades a que se dedicam. Estes podem ser classificados como: familiar, educativos, econômicos, políticos, religiosos e recreativos. As bases comuns para a **formação** de grupos sociais consistem em quatro características específicas conforme figura 4:

Figura 4: Formação dos grupos sociais

Grupos Sociais	Formação
1ª Ascendência comum	Grupos de sangue, nascimento, casamento, adoção
2ª Comunidade territorial	Bairro, vila,
3ª Semelhanças características	Cor, raça, associação voluntária
4ª Comunidade de interesses	Possui interesses comuns, vontade de agir conjuntamente, como grupos de voluntários, exemplo: Médicos sem Fronteiras. São considerados com maior importância social entre os grupos sociais

Fonte: baseado em Fichter (1967)

Os grupos sociais podem ser **classificados** como primários, secundários e agregados sociais. Uma mesma pessoa pode fazer parte dos 3 grupos conforme figura 5.

Figura 5: Classificação dos grupos sociais

Grupos sociais	Classificação
1º primários	As relações sociais são mais íntimas e acontecem com maior frequência, existe reciprocidade de pensamento e valores (família).
2º secundários ou associação	As relações sociais são impessoais e não frequentes e a permanência nestes grupos são voluntárias (participar da mesma igreja).
3º Agregado social	As pessoas possuem contatos casuais e transitórios (morar no mesmo bairro)

Fonte: baseado em Fichter (1967)

De acordo com Fichter (1967) os grupos podem ser ordenados conforme os padrões de comportamento que exigem de seus membros valores sociais que compartilham, ou, objetivos sociais comuns que orientam seu comportamento. “Os grupos sociais são o índice de integração e solidariedade em uma sociedade; caso os grupos primários sejam poucos e fracos a sociedade tende a desintegrar-se” (FICHTER, 1967, p. 151). Pensando na manutenção e integração social da sociedade, algumas categorias de profissionais atuam de forma direta em grupos sociais com o intuito de promover melhor qualidade de vida e compartilhamento de saberes; é o caso de projetos sociais onde o designer atua de diferentes formas para levar informações e novos olhares para estimular a autonomia, geração de renda e qualidade em processos artesanais.

1.2 Análise de Projetos sociais: saberes artesanais em parceria com o design

Os Projetos sociais são desenvolvidos por grupo de pessoas que pertencem à determinada categoria social e constituem uma comunidade de interesse, criando um grupo secundário. Desta forma designers e artesãos fazem parte, separadamente, de categorias que os identificam como pessoas que executam determinadas atividades na sociedade. Os designers que atuam no contexto do design social participam de uma comunidade de interesses, atuando diretamente na formação ou promovendo ações em grupos secundários nos quais a relação é transitória; as pessoas participam de forma voluntária (voluntário no sentido de entrar por vontade própria e não relacionado a falta de remuneração monetária, o que também pode ocorrer).

A relação do design com o artesanato não é um acontecimento contemporâneo. Este intercambio de saberes já estava presente no período da industrialização no qual, com o surgimento das máquinas, os processos artesanais foram ficando obsoletos e perdendo espaço para os produtos que eram desenvolvidos pela indústria. As consequências desta nova forma de produção acarretaram alguns problemas sociais, haja vista, que as oficinas eram a fonte de renda de muitas famílias de artesãos. Na atualidade não é diferente, pois, com as constantes transformações pelas quais passa a sociedade, os movimentos sociais direcionam e colaboram com a inserção, adaptação e sobrevivência da homem frente as transformações tecnológicas que surgem na sociedade (ANDRADE, 2006). Claudio Malo González (2006) ao escrever o prefácio do livro 'Imaginário Pernambucano', discorre sobre transformações sociais e a importância de preservar a cultura⁸

Vivemos em uma época – como todas as outras – que transcorrem em meio a tensões marcadas por certo grau de contradição. A globalização sempre existiu, enquanto fenômeno de incorporação de elementos de uma cultura a outra, favorecendo a mais forte. Um exemplo muito claro é a conquista e a colonização europeia na América, cujas consequências afrontam nossos países. Nos últimos anos, este fenômeno alcançou um ritmo acelerado que se deve, em grande medida, aos avanços tecnológicos nos meios de comunicação. [...] A cultura popular, nesse caso, o artesanato, não é estática como arqueologia. É parte da vida cotidiana, carecendo de ajustar-se à expectativa do grande público que a ela tem acesso. As mudanças são respeitáveis desde que mantenham os componentes definidores de uma cultura, para que seus resultados se expandam em outras áreas. (ANDRADE, et. al, 2006, pp. 6 - 7)

⁸Imaginário Pernambucano: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável / coordenação Ana Maria Queiroz, Virgínia Pereira Cavalcanti; organização Ana Maria Queiroz de Andrade... et al. – Recife: [Zoludesign], 2006.104 p.

Pensando no artesanato como atividade cultural, adaptável à vida cotidiana e as transformações que as épocas proporcionam, destaca-se o movimento *Arts and Crafts*. Artistas e artesãos Ingleses insatisfeitos com os efeitos da Revolução Industrial fortaleceram este movimento que foi precursor da relação artesanato e design: valorizavam “o conceito de peça única, com qualidade funcional e estética” e defendiam o convívio, a colaboração e reciprocidade entre artistas e artífices (KUBRUSLY,2010, p.13). Ainda de acordo com o mesmo autor, discutiam-se no movimento as causas políticas e as condições degradantes as quais os trabalhadores eram submetidos nas fábricas. Os preceitos pregados por este movimento incluíam o repúdio da produção em série dos objetos industrializados, considerados de gosto e acabamento duvidoso. Os valores defendidos acerca da relação entre design e artesanato continuam nos dias atuais o que é perceptível nas premissas defendidas pelo design social que motiva designers e artesãos a trabalhar de forma colaborativa, considerando a funcionalidade (ou aspectos artístico-simbólicos) das peças mediante a necessidade do indivíduo, bem como a troca de experiências.

Não foi possível parar a produção em série, mas foi possível associar arte e Design. Como explicitado anteriormente, o design é uma atividade projetual por meio da qual são desenvolvidos produtos que podem enfatizar a funcionalidade. De acordo com Bürdek (2009) os objetos resultantes dos preceitos e da prática do design, precisam contemplar conceitos como: estar de acordo com as questões sociais que permeiam a sociedade, e, atender critérios de funcionalidade, significado e objetividade. Com base na observância da atuação mediante a questões sociais, ganha respaldo na valorização da troca de experiências. Ao inserir o usuário no processo com o intuito de promover a colaboração, inevitavelmente as questões destacadas pelo autor acerca da prática do design os produtos dela resultante estarão presentes no objeto, pois, as ações ocorrerão baseadas em informações do contexto social do usuário mediante a sua participação ativa no processo.

No Brasil o campo de atuação dos profissionais ligados ao design é amplo e diversificado. O design social procura integrar comunidades aliando elementos culturais e troca de saberes. Procura também a valorização do conhecimento empírico, oferecendo soluções criativas dentro do contexto cultural e social das pessoas nas comunidades onde estão inseridas.

Para analisar situações nas quais design e artesão trabalham em parceria, foram selecionados três projetos sociais: um grupo formado por mulheres que

trabalham com o desenvolvimento de produtos decorativos provenientes de lã de carneiro chamado 'Grupo Ladrilã'; uma associação formada por mulheres que através da técnica do bordado a mão representam a flora e fauna do cerrado em produtos para decoração no Distrito Federal denominado 'Associação das Bordadeiras de Taguatinga'; e, uma comunidade composta por artesãs que desenvolvem objetos decorativos por meio da cerâmica (técnica passada de geração para geração e é tradicional) no Vale do Jequitinhonha Minas Gerais, cujo nome é 'Comunidade de Ceramistas Coqueiro do Campo e Campo do Buriti', Município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais.

Foram selecionados grupos compostos por mulheres e empreendimentos que trabalham ou já trabalharam utilizando o design. Os critérios escolhidos para análise dos grupos foram: relação design artesanato; inclusão social, qualificação da mão de obra artesanal; valorização do patrimônio cultural local.

As fontes utilizadas para fazer a pesquisa foram livros, revistas e jornais, impressos e digitais e sites de algumas instituições que apoiam estes empreendimentos (Agencia do Sebrae⁹), Casa Brasil¹⁰ entre outros.

1.2.1 Projeto 01: Grupo Ladrilã

Grupo Ladrilã: integra o Projeto Artesanato Mar de Dentro, coordenado pelo Sebrae/RS, com apoio financeiro de empresarial.

Objetivo do projeto: valorizar o artesanato do Rio Grande do Sul e outras regiões no intuito de gerar renda em comunidades carentes.

Público: 30 mulheres artesãs da região de Pelotas, Pedras Altas e Jaguarão- RS

Atividades: Realização de oficinas de capacitação e criatividade explorando novas formas de aplicação da lã natural matéria-prima de trabalho do grupo.

Designers: Maria Cristina de Azevedo e Ana Luíza Lo Pumo, e Tina Moura com apoio do Sebrae RS.

¹⁰Casa Brasil, evento de design e negócios. <http://www.casabrasil.com.br/casa-brasil/sobre>

Fontes de informação: Foram utilizados como fontes de pesquisa, reportagens publicadas no site do Sebrae, Jornal Correio do Povo e o site A Casa museu do objeto brasileiro que expos os produtos, (04 de junho de 2012 a 02 agosto do mesmo ano)¹¹.

Intervenções do design: Desenvolvimento de coleções, que exploram novas possibilidades de aplicação da meteria prima; aplicação de novas cores e formas para estimular a busca, tendo como fontes de inspiração temas que fazem parte de seu repertório pessoal; novas formas de uso dos produtos.

As artesãs buscaram inspiração em elementos da natureza para criar produtos contemporâneos como almofadas, tapetes, mantas para sofás, vasos, luminárias e *souvenir*. "Queremos mudar o estigma de que a lã só pode ser usada como acessório pessoal. Com os objetos e utensílios produzidos pelo Ladrilã, ela também pode ir para dentro de casa", explica a designer Tina Moura (Correio do Povo, web, 2016)

Observações: Os produtos confeccionados pelo grupo Ladrilã, da coleção Lã em Casa receberam prêmio Design Museu da casa Brasileira e são comercializados na Loja História de Garagem em Porto Alegre de propriedade das designers. Além dos produtos do Grupo Ladrilã a loja comercializa produtos de outros artesãos da região.

Considerações: As artesãs descobriram novas possibilidades de explorar e aplicar a matéria-prima. A criação de produtos por meio de coleções permite a exploração de temas onde cores e formas podem ser reunidas em uma linha de produtos que facilita o reconhecimento e motiva o artesão a pesquisar novos elementos para aplicar em suas peças. Ao buscar referências em suas memórias, em elementos que fazem parte de seu contexto, as formas e cores materializam-se o artesão torna-se protagonista de suas produções e vida. As cores lúdicas e alegres dos produtos podem ser visualizadas na figura 6.

¹¹<https://www.acasa.org.br/evento.php?id=124>

Figura 6: Produtos coleção Lã em casa. Grupo Ladrilã



Fonte: Casa Brasil, Web,2016

1.2.2 Projeto 02: Associação de Bordadeiras de Tabatinga – Flor de Ipê – DF

Atividades: desenvolver produtos artesanais bordados com temas inspirados na fauna e flora do cerrado. Contribuir com a geração de renda e aperfeiçoamento de técnicas manuais ligadas ao bordado.

Público: A associação é composta por mulheres.

Designer: Renato Imbroisi com apoio do Sebrae DF.

Fontes de informação: Foram como fontes de informação o site da Associação Bordadeiras de Tabatinga¹², e o livro do Designer Ricardo Imbroisi¹³

Intervenções: Qualificação da mão de obra, organização do trabalho, criação de novos produtos e exploração de novos temas. Os produtos são desenvolvidos com temas inspirados em elementos na fauna e flora da região que faz parte do cotidiano das mulheres. As mulheres relataram que a representação das flores e frutos do cerrado, sugerida pelo designer contribuiu no diferencial que pode ser percebido nos

¹²<http://www.bordadeirasdetaguatinga.com.br/>

¹³KUBRUSLY, Maria Emilia; IMBROISI, Renato. **Desenho de fibras:** artesanato têxtil no Brasil. Senac Nacional, Rio de Janeiro, 2011

bordados que atualmente são empregados em almofadas, guardanapos, saches e serviços de mesa¹⁴.

Considerações: Com a capacitação e sugestão da criação de novos produtos Imbroisi, orientou as artesãs para a pesquisa e busca de referências para seus trabalhos. Uma das técnicas sugeridas, que fez sucesso e permanece sendo aplicada até os dias atuais consistiu na estimulação de cada bordadeira para que fizesse uma pesquisa a respeito das flores do cerrado, escolhesse uma espécie e a representasse por meio do bordado em um retalho com 20 por 20 centímetros. Ao concluir a atividade os retalhos foram unidos criando uma colcha de retalhos com as flores do cerrado selecionadas pelas mulheres. Este produto é comercializado até os dias atuais. A parceria começou no ano 2001 e o grupo permanece. Por iniciativa das próprias bordadeiras elas começaram a criar regras e estabelecer rotinas para aumentar a produção e manter o preço; “cada bordadeira associada contratou outra artesã para ajudar na produção e a associada era responsável pelo controle de qualidade da produção delas” (KUBRUSLY e IMBROISI, 2011, p.89). Para aumentar a variedade de temas (haja vista, que já possuíam mais de 300 desenhos de flores) as mesmas pesquisaram a fauna, introduzindo assim desenhos de pássaros e peixes nos produtos desenvolvidos pelo grupo.

No relato desta experiência é possível perceber que a intervenção do design proporcionou autonomia para as mulheres da associação Bordadeiras de Taguatinga; também ajudou a organizar a forma de trabalho e a busca de suas próprias referências, para dar uma identidade pessoal aos bordados, bem como, contribuiu com a geração de renda para as mulheres que faziam parte da associação e aquelas que trabalhavam como prestadoras de serviço. A figura 07 apresenta duas colchas bordadas com os elementos que o grupo utiliza como tema de suas produções: Flora e a fauna do cerrado.

¹⁴<http://www.bordadeirasdetaguatinga.com.br/>

Figura 7; Colchas bordadas com temas da flora e fauna do serrado DF



Fonte: Ecoera, web,2016.

Na figura 08, fauna e flora são reunidos em uma um único trabalho, uma almofada.

Figura 8: Bordado Associação de Bordadeiras de Tabatinga – Flor de Ipê - DF



Fonte: Ecoera, Web,2016

1.2.3 Projeto 03: Comunidade de Ceramistas Coqueiro do Campo e Campo do Buriti, Município de Turmalina, Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais

Público: A arte de fazer cerâmica na região é considerada um ofício feminino.

Atividade: artesanato feito de cerâmica, peças decorativas com temas inspirados em objetos do cotidiano, sendo as bonecas em forma de noivas, as mais populares. As técnicas são passadas de geração para geração. Os motivos e as formas não sofreram muitas alterações ao longo do tempo.

Objetivo: Identificar e propor por meio do design participativo, estratégias de valorização de recursos e produtos selecionados da região. Agregar valor aos produtos e fomentar a geração de renda da comunidade local.

Abordagem: Ao fazer o processo de imersão os pesquisadores identificaram que as artesãs necessitavam de embalagens mais resistentes para o transporte do material, pois, da forma como estava sendo feita as peças quebravam com facilidade e manchavam com a tinta do jornal que era utilizado para envolver e proteger as peças que eram envolvidas ainda em plástico bolha e colocadas em caixas de papelão.

Design: Projeto promovido pela Escola de Design da Universidade Federal de Minas Gerais (EDUFMG).

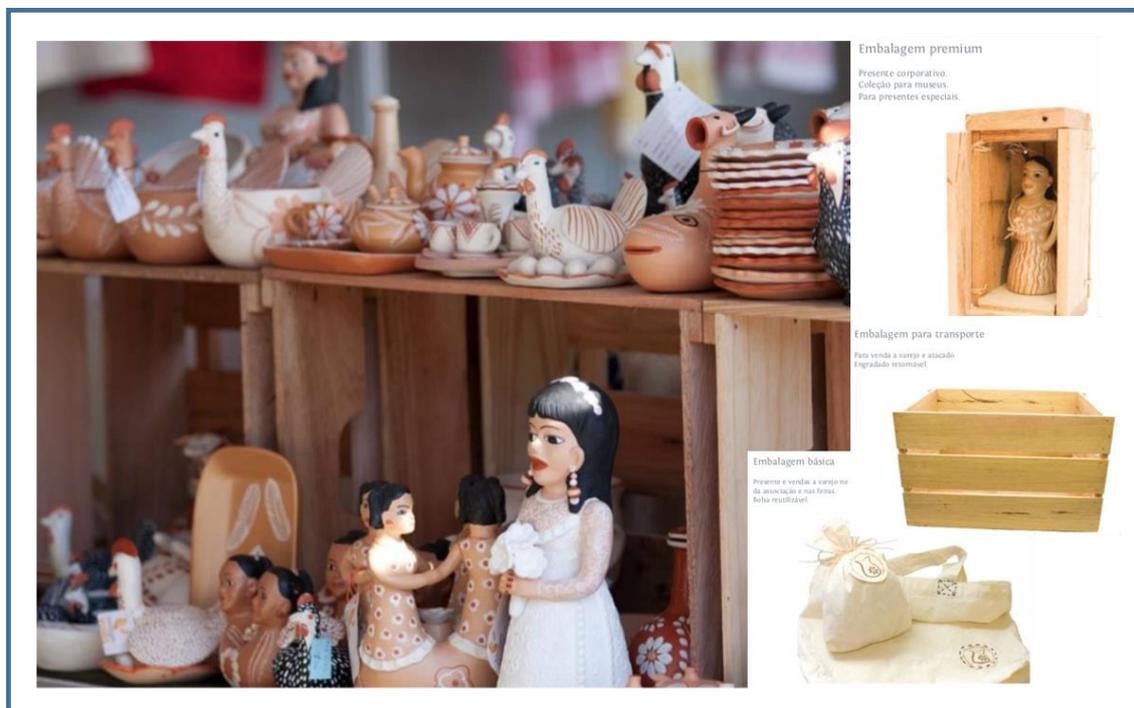
Fontes de informação: Todas as informações referentes ao grupo foram retiradas do livro: Design Participativo: uma experiência no Vale do Jequitinhonha (2010)

Intervenção: foram desenvolvidas embalagens de madeira e sacos de algodão para envolver as peças. Foi identificado ainda, que a maioria das mulheres da comunidade passava muito tempo sozinhas criando os filhos, enquanto os maridos estavam em outros estados trabalhando para complementar a renda da família. Sendo assim, foi sugerida a criação de oficinas de marcenaria para desenvolver embalagens que poderiam ser usadas para transporte e para presente na comercialização das peças. As embalagens foram confeccionadas a partir da madeira do eucalipto, provinda de reflorestamento que é abundante na região.

Considerações: o design foi utilizado de forma direta no desenvolvimento de embalagens que além de valorizar o produto, preserva as peças e a satisfação dos clientes e artesãs. Também contribuiu com a estruturação de oficinas de marcenaria e com a união familiar que é tão importante na criação dos filhos e manutenção das comunidades. Na figura 9 pode-se observar imagens das peças desenvolvidas pela

comunidade de artesãs ceramistas e os 3 modelos de embalagens sugeridas pelo Projeto do Design Participativo do EDUFMG.

Figura 9: Comunidade de Ceramistas Coqueiro do Campo e Campo do Buriti, MG



Fonte: Engler; et al., 2011

A relação design e artífice contribui de forma visível e palpável no resultado final dos objetos artesanais, seja nas referências para desenvolver os produtos, na diversificação das formas e ampliação das possibilidades de produzir diferentes objetos com a mesma matéria-prima e na organização dos processos. Todas estas percepções ocorrem no campo material, no resultado dos trabalhos que reflete nos objetos apresentados. Outro fator que chama atenção são as questões subjetivas como o empoderamento (que as artesãs adquirem quando se transformam em autoras das ações) e a autonomia (em poder dedicar-se a afazeres que estão além dos cuidados com a casa, filhos e maridos). Destaca-se, a partir das análises anteriores, que o compartilhamento de saberes e experiências contribui com o crescimento pessoal e conseqüentemente o reconhecimento de direitos e deveres sociais que fortalecem e preservam a sociedade.

O próximo tópico trata da troca de experiências no grupo foco deste estudo, no qual mulheres atuam de forma voluntária para ampliar a dignidade humana de

peças que se encontram em situação de abandono social. São abordadas também contribuições do design na melhoria dos processos e troca de saberes.

1.3 Grupo Pontos de Amor

Diante da análise de outros grupos que possuem o artesanato como fonte integradora de mulheres (que buscam o empoderamento por meio do conhecimento e troca de experiências) o grupo Pontos de Amor não distancia destes conceitos, atua da mesma forma, e vai além: estimula o voluntariado por meio de ações que permitem contribuir de forma direta com o bem-estar humano e o empoderamento.

O grupo Pontos de Amor não possui registros materiais de suas ações e atividades; em virtude disso, as informações descritas aqui, tem como base o contato com pessoas que participaram da fundação do grupo, e da convivência e observações/vivências/experiências realizadas pela autora da pesquisa (que participa ativamente do grupo desde 2010 e é membro da paróquia luterana São Mateus, situada na zona norte de da cidade e que faz da parte da Comunidade Evangélica de Joinville, a CEJ).

Durante a graduação em design (com habilitação em moda), a pesquisadora atuou como bolsista em projetos sociais, vivenciando a relação Universidade e comunidade, o que despertou o interesse em trabalhar em projetos relacionados com design social. Ao terminar a graduação em design de com habilitação em moda, passou a participar como voluntária no grupo. A atuação ocorre em diversas frentes (motivo pelo qual recebe apoio da diretoria da paróquia, e coordenação do grupo para escrever e relatar, na presente pesquisa os processos, bem como a rotina do grupo).

O Grupo Pontos de amor é um grupo de diaconia que existe há aproximadamente 40 anos. Desde seu surgimento o objetivo central sempre foi o de promover o bem-estar social de forma ecumênica. O Grupo faz parte da estrutura da Paróquia São Mateus em Joinville – SC (que faz parte da CEJ - Comunidade Evangélica de Joinville que, por sua vez, está vinculada a IECLB- Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil). Existe dentro da IECLB, a Fundação Luterana de Diaconia- FLD. A diaconia está estruturada em nível mundial por meio da DM- Diaconia Mundial - que atua em muitos países, em parceria com outras instituições que formam o Departamento para Missão e Desenvolvimento Diaconia das Américas e Caribe (DOTAC) constituído por uma comunhão de Igrejas que atuam em ajudas humanitárias visando proporcionar melhor qualidade de vida e respeito à

dignidade humana. Por meio de um organograma (figura 10) é possível visualizar a estrutura da diaconia na Igreja Luterana no Brasil.

Figura 10: Organograma da estrutura da diaconal



Fonte: da autora, 2016

A diaconia está inserida em todas as instâncias da igreja; ela é um dos elos que compõe a estrutura com os preceitos que regem a comunhão da Igreja Luterana que são: **celebração** e **proclamação** litúrgica, tendo como base a Bíblia e o **serviço**, neste caso expresso por meio da ação da diaconia.

As três apontam para o importante papel da igreja junto à sociedade civil organizada, trabalhando para a garantia de direitos em prol de uma vida digna para todos e todas. A atuação diaconal acontece em distintos níveis e de diferentes formas. No caso específico da FLD, interessa apoiar instituições e comunidades luteranas e/ou da ecumene que já assumiram o seu papel como protagonistas sociais e que promovem ações de transformação nas sociedades onde estão inseridas – ou seja, deve haver uma clara inter-relação entre diaconia e desenvolvimento. (FLD, WEB, 2015)¹⁵

¹⁵Fundação Luterana de Diaconia. Disponível em: http://fld.com.br/index.php/areas_tematicas. Acesso em: 26, mai. 2015

No Brasil a sede da Diaconia está na Cidade de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, com atuação em todos os estados brasileiros, por meio de três categorias de parceiros: estratégicos, apoiadores e instituições. Nas comunidades, a FLD atua nas paróquias, onde são formados grupos de voluntários que desenvolvem os mais variados trabalhos para atender as pessoas necessitadas.

A líder do grupo é responsável pelo andamento dos trabalhos executados pelos voluntários, bem como, o controle financeiro e compra de suprimentos. Os encontros ocorrem no salão paroquial a cada 15 dias, na segunda feira, sempre no mesmo horário das 14 às 17 horas, no período compreendido entre os meses de março e novembro. Nestes encontros as voluntárias levam os trabalhos que executaram em casa (a maioria dos trabalhos são executados na casa das voluntárias, haja vista, que uma tarde é pouco para tantos afazeres) participam de um momento ecumênico de reflexão (no qual são lidas passagens bíblicas ou textos que proporcionem alguma reflexão sob a coordenação de um diácono ou da liderança do grupo). No tempo restante as mulheres se reúnem em seus subgrupos de acordo com a atividade que executam para iniciar novos trabalhos ou receber orientações para realizar outros trabalhos e as atividades que serão realizadas em casa. Aquelas que estão aprendendo alguma técnica nova aproveitam estes momentos para tirar as dúvidas ou iniciar o aprendizado de novas técnicas.

O trabalho diaconal pode ser exercido tanto por homens quanto mulheres. O grupo Pontos de Amor é composto basicamente por mulheres (com idade a partir dos 18 anos) que são voluntárias com nível de escolaridade e renda diversificadas; o trabalho diaconal tem a função de acolher; assim sendo, todas as pessoas que se oferecem para participar independente de suas habilidades para trabalhos manuais são aceitas. O grupo é dividido por núcleos de trabalhos manuais, onde são confeccionados diferentes tipos de produtos como bordados (ponto cruz, ponto cheio e vagonite entre outros), crochê, tricô, pintura em tecidos e enxovais para recém-nascido. Cada núcleo possui uma líder que, além executar a atividade, ensina a técnica aos novos integrantes. Todos os materiais para execução dos trabalhos são fornecidos pelo grupo. A figura 11 mostra o grupo reunido.

Figura11: Grupo de diaconia Pontos de Amor



Fonte: arquivo pessoal, 2016

Os encontros do grupo além de um momento para desenvolver atividades, promovem ainda, a troca de saberes. O compartilhamento de ideias, agrega conhecimento, doação, descontração e principalmente alegria em fazer a diferença na promoção de bem-estar na vida de pessoas que estão à margem da sociedade.

1.3.1 Atividades Sociais do Grupo Pontos de Amor

As atividades do grupo em primeiro plano não visam à geração de renda diretamente para as participantes do grupo. Toda renda obtida com a comercialização dos produtos desenvolvidos pelas voluntárias é destinada a compra de alimentos para compor cestas básicas, fraldas geriátricas e a compra dos materiais para realização dos trabalhos. Em alguns momentos o grupo colabora com a compra de suprimentos para outros grupos ou instituições sociais que enfrentam dificuldades. Entre estas situações ocorreu, no final do ano de 2013, a doação de kits de higiene pessoal e absorventes para um Lar cuja família possui mais de 50 filhos adotivos em Joinville (SC), o Lar Abigail. Em outra situação foi comprado um fogão industrial para a cozinha de um centro comunitário que oferecia almoços diários para crianças carentes. Pelas normas da FLD, o auxílio não pode ser em espécie (\$), apenas em produtos como mantimentos, entre outros. Da mesma forma, o dinheiro arrecadado pelo grupo não pode ser utilizado para compra de equipamentos que compõe o patrimônio paroquial,

nem para manter o funcionamento da paróquia ou a manutenção dos paramentos existe o grupo de OASE- Ordem das Senhoras Auxiliadoras, que fazem trabalhos manuais (bordados, arranjos natalinos e cafés) cuja renda obtida com a venda é destinada para este fim. Os recursos da diaconia devem ser revertidos em auxílio aos necessitados.

Não há nenhuma restrição quanto ao desenvolvimento de produtos aplicando as técnicas que a voluntária aprendeu no grupo; também não há restrição quanto a comercialização e uso do dinheiro em benefício próprio. Entretanto, todos os trabalhos elaborados com material oferecido pelo grupo devem ser entregues para venda no intuito de gerar renda para compor o montante para manutenção das ações. O grupo recebe doações dos mais variados produtos de roupas a eletrodomésticos. Estas doações são encaminhadas para pessoas que se dirigem até a paróquia solicitando algum móvel, eletrodoméstico entre outros.

As roupas doadas passam por um processo diferente. Antes de serem disponibilizadas para doação é feita uma triagem separando por tamanho, masculino ou feminino, adulto e infantil e é feita a conferência do estado das roupas: se estão limpas e em condição de uso. Passado este processo as roupas são acomodadas em prateleiras e duas vezes por ano a paróquia abre as portas do salão paroquial para a doação destas roupas. Não é necessário se cadastrar para receber as roupas; basta chegar no dia e data divulgados nos cultos, em murais pelas dependências da paróquia e nos grupos que compõe a comunidade. Cada pessoa pode escolher até 30 peças de vestuário, ou seja, roupas para a família inteira, e, dependendo do número de integrantes além da disponibilidade de numeração de calçados, pode escolher um par de sapatos para cada membro da família. As roupas que sobram destes eventos são colocadas em caixas e encaminhadas para outras igrejas (de qualquer denominação) e instituições que manifestam desejo de recebê-las; às vezes as caixas são enviadas para outros estados.

Outro serviço que o grupo oferece é o empréstimo de equipamentos hospitalares como cama, cadeiras higiênicas e de roda, muletas, andadores. Quando estes produtos são doados na paróquia, os mesmos passam por um processo de limpeza e reforma (se necessário) e ficam disponíveis para empréstimo pelo tempo que a pessoa necessitar e sem nenhum custo. Em alguns casos os equipamentos são devolvidos estragados e precisam passar novamente por reformas antes de

reutilização. Em outras situações o usuário ou a família, além de devolver o equipamento, acaba fazendo doações de outros produtos para o grupo.

Também são montados kits de enxovais para recém-nascidos para serem ofertados para mulheres que dão à luz na Maternidade Darcy Vargas em Joinville¹⁶ as quais não possuem o enxoval inicial para deixar a maternidade com seu bebê. Esta atividade constitui-se em um trabalho em rede. Os itens que compõem os kits são montados coletivamente, em parceria com grupos de outras paróquias. Uma vez por ano é promovido pela CEJ um evento que recebe o nome de 'Café do Bebê'; são vendidos convites que dão direito a participar de um café colonial montado por uma voluntária. Na ocasião são vendidas rifas de produtos doados por diferentes pessoas e os objetos rifados na sua maioria são artigos para casa e decoração feitos artesanalmente. Toda renda levantada por meio do café e rifas é revertido para a compra dos materiais que compõem os kits dos enxovais como: fraldas, mamadeiras, edredom, lençol, travesseiro, cueiros, roupinhas, e uma bolsa para carregar os pertences do recém-nascido. O grupo Pontos de amor faz o corte das roupinhas que são confeccionadas em malha (pagãozinhos) e costuradas em outra paróquia que possui máquinas para coser este tecido. Depois de prontas as peças retornam ao grupo, para aplicação de botões de pressão (em máquina específica disponível). Também são confeccionados no grupo os edredons, travesseiros, lençóis de berço, barras nos cueiros, casaquinhos, toucas, sapatinhos de lã feitos de tricô ou crochê (estes 3 últimos itens são confeccionados por outros grupos de outras paróquias luteranas que possuem grupos de trabalhos manuais).

Após montados, os kits são levados até a maternidade e entregues a assistência social da maternidade. Uma vez por semana, um grupo de mulheres visita a maternidade para conhecer e prestar assistência a mulheres necessitadas.

1.3.2 As técnicas Artesanais desenvolvidas pelo grupo

Os trabalhos manuais desenvolvidos pelo grupo são compostos por técnicas variadas, sendo a maioria passada de mãe para filha e compartilhada no grupo com

¹⁶A Maternidade foi escolhida por prestar atendimento gratuito a população da cidade de Joinville há 65 anos.

peessoas que desejam aprender. Os produtos confeccionados pelo grupo são voltados para enxovais de cama, mesa e banho. Estes produtos são destinados a venda que ocorre por meio de bazares em eventos realizados na paróquia. Os compradores mais assíduos são os próprios membros da comunidade que também indicam para amigos e conhecidos. Os produtos possuem ótima qualidade nos acabamentos e seleção dos materiais. Após finalizados os bordados os mesmos passam pelo processo de lavagem e engomagem, onde é possível observar se há falhas no bordado e tecidos.

Considerando as técnicas dos bordados e pintura a mão, é perceptível que os temas preferidos para os trabalhos são as representações de flores. Os pontos bordados mais comuns são: ponto cruz, ponto cheio, ponto atrás, ponto ilhós e vagonite. São confeccionados produtos como fronha, jogos de toalhas de banho e toalhas de lavabo, toalhas de mesa, almofadas entre outros produtos para enxoval doméstico. Afigura 12 traz algumas imagens com detalhes dos bordados e a algumas peças confeccionadas.

Figura 12: Produto desenvolvidos pelo Pontos de Amor

<p>Ponto cruz</p> <p>Aplicado toalhas de banho, rosto, toalhas de mesa e fronhas</p>	
<p>Ponto cheio</p> <p>Aplicado em jogos de toalhas, toalhas de mesa, panos de copa e fronhas.</p>	
<p>Ponto Corrente</p> <p>Aplicado em fronhas e jogos de toalhas banho e lavabo</p>	

<p>Ponto Ilhós Aplicado em toalhas de lavabo</p>	
<p>Vagonite Aplicado em fronhas, jogos de toalhas banho e panos de copa</p>	
<p>Pintura Aplicada em panos de louça, jogos de toalhas banho, fronhas e tapetes</p>	

Fonte: arquivo pessoal, 2016

Detalhes das peças realizadas ao longo do último ano objetivando ilustrar algumas técnicas aplicadas nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo. Com a participação da designer no grupo ocorreram alterações sutis em alguns produtos contribuindo para o desenvolvimento de outros a partir do reaproveitamento de materiais.

1.4 Síntese do Capítulo

A relação do design com grupos sociais propicia uma troca pura de experiências, ou seja, para que as mudanças realmente ocorram é preciso calma, tempo, transparência e sensibilidade. A observância dos valores, instituições, classes e grupos sociais nos quais as pessoas estão inseridas revelam a cultura e as formas de manutenção da sociedade. As relações entre categorias podem promover o bem comum a partir da colaboração entre os indivíduos e os grupos dos quais fazem parte; independente da classificação ou organização, o que conta de fato é a boa vontade individual para fortalecer o coletivo. Atitudes de boa vontade puderam ser percebidas nas parcerias entre artesãos e designers cujo objetivo maior era valorizar o conhecimento de cada um visando alcançar melhor qualidade de vida no cenário social e cultural com adaptações de acordo com as mudanças que cada época propicia.

No entanto conhecer abordagens metodológicas que auxiliem nas práticas do design social com grupos que trabalham com geração de renda, seja para renda própria ou não é um fator importante para atuação do designer com mais segurança, tranquilidade e êxito nos resultados. Este cuidado contribui para a concretização, de fato, dos preceitos do design social considerando o projeto de objetos simples e elegantes como defende Papanek.

2. METODOLOGIA E DESIGN PARA TRABALHAR COM GRUPOS SOCIAIS

Ao planejar uma pesquisa a primeira questão que se apresenta e precisa ser respondida é: qual metodologia será aplicada para atingir os objetivos pretendidos? Diante desta indagação pensar acerca da metodologia e sua importância no campo da pesquisa social torna-se fator preponderante para validar a solução de um problema, assegurar o rigor na condução dos trabalhos e segurança dos resultados. Thiollent (2011) afirma que a metodologia pode ser considerada como uma forma de conduzir a pesquisa, bem como, um conhecimento geral necessário ao pesquisador, para direcionar o processo investigativo, favorecendo a tomada de decisões, escolha de melhores conceitos, técnicas e formulação de hipóteses que favoreçam a escolha de dados adequados aos objetivos. Ainda de acordo com o autor, a metodologia lida com a avaliação de técnicas de pesquisa e com a geração ou a experimentação de novos métodos que buscam atender de maneiras efetiva, formas de atingir e processar informações a fim de resolver diferentes categorias de problemas, sejam estes, de ordem prática ou teórica no processo de investigação (THIOLLENT, 2011).

No campo do design a metodologia transita entre saberes teóricos e práticos. A escolha dos métodos para desenvolver um projeto varia de acordo com os objetivos e os problemas que são objetos de estudo. Para tanto, compreender a função da metodologia de design, seu alcance, propiciará maior segurança na escolha de ferramentas e técnicas que colaboram com o processo criativo proporcionando resultados seguros no atendimento dos requisitos intenções.

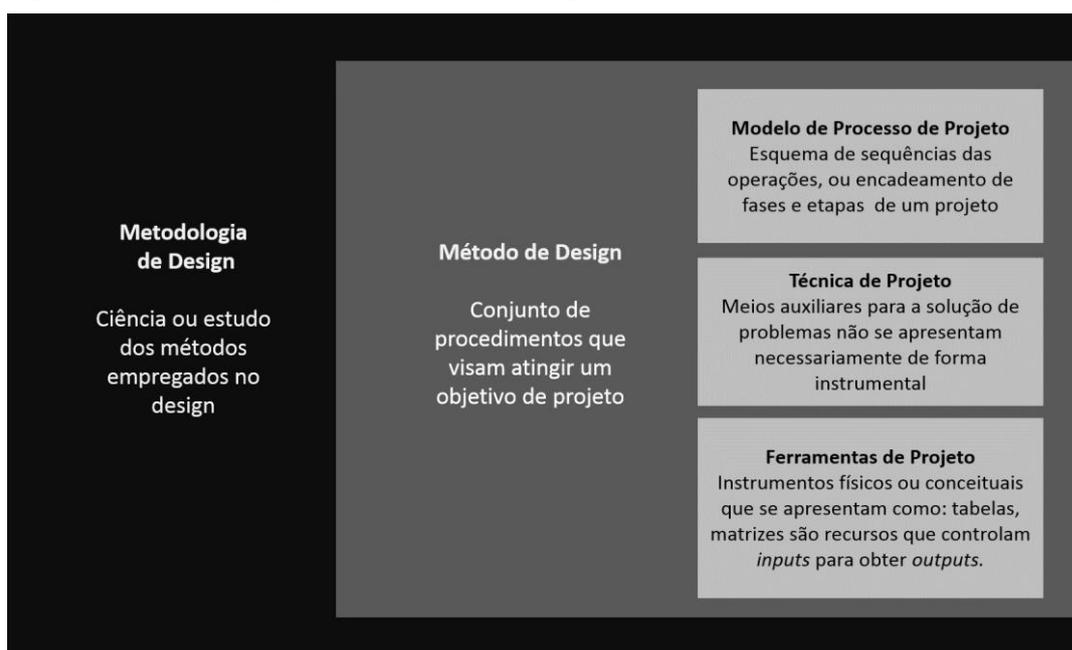
2.1 Metodologia e Design

A metodologia está relacionada com a epistemologia ou filosofia da ciência; é entendida como disciplina que tem a função de analisar as características de diferentes métodos, suas potencialidades, limitações ou distorções referentes as implicações de seu uso. Em relação a aplicação da metodologia no cotidiano de pesquisa, considera-se a avaliação de técnicas de pesquisa, bem como, como a

geração e avaliação de novos métodos que lidam efetivamente na captação e processamento de informações, para resolver variadas categorias de problemas (práticos e teóricos) da investigação (Thiollent, 2011).

A metodologia aplicada ao campo do design atende as mesmas considerações descritas acima. Pazmino (2013) discorre sobre a metodologia do design como uma ciência que estuda os métodos que podem ser aplicados ao desenvolvimento de produtos ou serviços. Diante do conhecimento dos métodos que se adaptam a realidade do projeto, cabe definir aquele que possui o conjunto de procedimentos que atenderão as especificações da situação analisada. Os procedimentos, delinearam as fases e as sequencias das etapas a serem seguidas. As técnicas aplicadas ao projeto podem variar de acordo com as características da atividade, e a inclinação pessoal do designer com o uso de determinadas técnicas. Apesar da flexibilidade na escolha das técnicas, o profissional não pode perder de vista teorias ou abordagens de diferentes teóricos do campo do design que discorrem sobre conceitos que fundamentam seu trabalho. O uso das ferramentas também pode variar conforme o problema a ser solucionado e adequação das mesmas ao projeto que está sendo desenvolvido pelo designer. Na figura 13 é possível visualizar a sequência metodológica básica aplicada ao projeto de design.

Figura 131: Diferenciação de termos: Metodologia, Método, Modelo, técnica e ferramenta



Fonte: Pazmino, 2013

As abordagens metodológicas do design vão se adaptando às realidades que a sociedade está vivenciando no presente, sem perder o foco dos estudos clássicos, pois estes possuem solidez em suas bases; fator que permite uma flexibilidade nos métodos, possibilitando desenvolver produtos ou serviços que atendam às necessidades das pessoas, levando em conta seu contexto cultural e social. Margolini (2004), afirma que o design é visto como uma atividade artística que desenvolve produtos inovadores com forte apelo estético e compostos por novas tecnologias como: eletrodomésticos, automóveis, aparelhos eletrônicos, moveis entre outros. No entanto, o autor ressalta que este é um modelo de design voltado para o 'mercado' e é preciso pensar o design voltado para um 'modelo social'. Refletir o design social é buscar na colaboração entre diferentes áreas do saber, a metodologia do design e adaptar os conceitos deste a projetos que busquem incluir o ser humano em seu desenvolvimento.

O surgimento de abordagens do design que incluam o ser humano no processo é algo discutido na atualidade e cada vez mais as abordagens metodológicas clássicas vão se ramificando produzindo e validando novos métodos. Neste sentido, cabe observar a análise de Bonsiepe (2012) ao escrever sobre a metodologia clássica do design e os desafios da metodologia alternativa. Segundo o autor, quando a metodologia projetual do design se desenvolveu [o que de acordo com Bürdek (2009) ocorreu com maior intensidade na década de 60, buscou se certificar a metodologia formalista, com foco na produção científica do design, mas como bem frisa o design não é uma atividade científica; projeto é diferente de ciência. Para tanto, é preciso olhar para as metodologias alternativas como meio de preencher lacunas da metodologia clássica e ao mesmo tempo, contemplar questões imprescindíveis a serem pensadas no campo do design na atualidade que não foram contempladas ou não faziam parte daquele contexto. Fatores como a análise dos ciclos de vida do produto, como meio de se prever os impactos ambientais que a atividade produtiva ou/e o produto poderiam gerar ao meio ambiente, bem como, respeito a certas minorias populacionais, como pessoas idosas e aquelas portadoras de necessidades especiais não eram muito frequentes. Atualmente discussões sobre os limites do crescimento, o caráter planetário da poluição, a crise energética, o fenômeno do desemprego em massa, distribuição de renda, entre outros não podem mais ser ignoradas (BONSIEPE, 2012. p.93).

As metodologias alternativas ou híbridas vão surgindo e sendo exploradas de acordo com as transformações sociais e se adequam as práticas de design conforme o contexto no qual se aplica. A metodologia clássica serve de suporte no exercício da

atividade projetual, para sustentar as ramificações alternativas. Dentre estas abordagens alternativas, que buscam dar conta de desafios do cenário social atual, encontra-se o Design Participativo (DP); conforme defende Santa Rosa (2012), pode ser uma abordagem metodológica, uma metodologia ou uma filosofia que visa melhorar a experiência do usuário na proposição de novas soluções de design que podem ser resgatadas da própria vivência cotidiana de uso, ou seja, o usuário torna-se coautor do processo; sua participação é efetiva do início ao fim do desenvolvimento do produto, serviço ou na busca de soluções para concretizar ideias.

Seguindo a linha das abordagens alternativas, outras se desdobram a partir do foco no ser humano e buscam amparo nos conceitos antropológicos, sociológicos e psicológicos para assegurar um conhecimento mais aprofundado do comportamento humano visando contribuir na seleção de métodos adequadas para a compreensão das características do público ou problema de pesquisa. Esta atitude converge com a compreensão de design e experiência proposta pela pesquisadora Elizabeth Sanders (2002, web). O design como experiência percorre um campo interdisciplinar que envolve a sociologia, design social e abordagens psicológicas; a noção de experiência abordada Sanders, ocupa local de destaque como referência para trabalhos onde o foco está na interação humana e no design como ciência social. Conforme a teoria defendida por Sanders, o processo de design atual envolve o usuário no processo; o pesquisador tem a função de interpretar informações de acordo com os critérios do projeto, levando em conta os dados primários e secundários coletados pela pesquisa, ao passo, que o design nos moldes clássicos apenas desempenhava o papel de interpretar esboços de conceito e cenários; ou seja, de acordo com a visão da autora o design apropria-se dos conhecimentos situando o designer/pesquisador como quem cria a partir de dados reais, da participação/envolvimento ativo do usuário e não apenas de cenários. Ainda de acordo com seu pensar neste novo sistema não cabem mais hierarquias e sim o pensamento em rede, onde, a troca de informações é constante, promovendo maior interação entre usuários e influenciando de forma positiva as relações.

Embora aborde a temática, na percepção de Sanders não é possível projetar experiências, mas sim, projetar tendo a experiência como base. Para acessar a experiência de outras pessoas é necessário ouvir, interpretar, ver, observar, descobrir, aproximar, estar junto e apreciar. Utilizando estes conceitos é possível compreender mensagem, informações ou experiências que as pessoas não verbalizam com palavras, mas transmitem por meio dos gestos, atitudes e ações. Considerando que esta abordagem

supera a comunicação puramente verbal, considera-se que pode contribuir também para eficiência da comunicação que foi apontada na introdução como um dos desafios para atuação da pesquisadora com grupos sociais.

As abordagens metodológicas e suas aplicações práticas, promovem uma interação entre a teoria e a prática. E seu resultado deve refletir-se no desenvolvimento de produtos ou serviços que facilitem o cotidiano das pessoas, que preservem o meio ambiente, promovam a conscientização do espaço social que cada indivíduo ocupa, bem como, o respeito aos preceitos culturais individuais de cada grupo e seus membros. Sendo assim as ações do design social proporcionarão resultados simples e elegantes em conformidade com os anseios de se produzir localmente resultados que poderão ser compartilhados e multiplicados.

Pensando em uma abordagem que busque trabalhar de forma participativa e colaborativa com grupos sociais, associados aos conceitos do design, buscou-se estudar as características da pesquisa-ação, as técnicas e ferramentas utilizadas por este método, para trabalhar com grupos sociais. Vislumbrando uma aproximação de conceitos, onde o foco principal está na coordenação das ações e que os resultados destas, promova conscientização dos envolvidos e conseqüentemente no desenvolvimento de novos serviços ou produtos importantes no contexto do grupo.

2.2 Pesquisa-Ação

As considerações acerca da Pesquisa-Ação ao longo desta dissertação são baseadas na obra **Metodologia da Pesquisa-ação** de Michel Thiollent (2011). Optou-se por utilizar este autor porque notou-se, ao longo do levantamento bibliográfico sobre este tema, que seu pensamento bem como sua obra, frequentemente, são referências citadas para estudos desta natureza. O livro encontra-se dividido em três partes, nas quais estão agrupados os assuntos de cada fase do processo pesquisa. O primeiro capítulo intitulado **Estratégias de conhecimento** trata, da parte introdutória da pesquisa e da definição dos conceitos que norteiam a metodologia, bem como esclarece, das diferenças entre Pesquisa-Ação e os demais métodos de pesquisa. O segundo capítulo nomeado **Concepção e Organização da Pesquisa** discorre acerca das abordagens, ferramentas e técnicas empregadas na execução da pesquisa. O terceiro capítulo denominado **Áreas de**

aplicação relaciona as abordagens com os campos de conhecimento nos quais é possível aplicar os métodos da pesquisa-ação.

Antes de entrar nas definições metodológicas que caracterizam a pesquisa-ação (P-A), há que se esclarecer alguns termos que são recorrentes nesta abordagem. São palavras que associadas ao conceito da metodologia possuem significados específicos. Foram selecionadas apenas aquelas, que podem induzir interpretações diferentes análogas aos preceitos da pesquisa-ação conforme figura 14.

Figura 14: Significados dos termos aplicados na Pesquisa-Ação

PALAVRA	SIGNIFICADO
Ator	Instituições envolvidas na pesquisa (associação, agrupamento ativo)
Empírico	Saber adquirido a partir da prática, da repetição e da memória
Emancipatória	Promover ações que diminuam as desigualdades por meio do conhecimento;
Conscientização	Capacidade de autoconhecimento, responsabilidade pelas próprias ações, bem como, segurança ao exprimir suas ideias.
Participante	Pessoas envolvidas de forma direta na ação (membro do grupo)
Sensibilização	Capacidade de receber sensações e reagir aos estímulos, compartilhar emoções alheias. Capacidade de julgamento ou avaliação em determinados assuntos.
Situação	Relação do participante com ação
Saber formal/saber informal	Conhecimento formal: relacionado ao conhecimento tácito/teórico(pesquisador) Conhecimento informal: saber espontâneo empírico (participantes)

Fonte: Thiollent, (2011) e Abbagnano (2014)

Na concepção de Thiollent (2011) pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Nela os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. À luz da metodologia científica, a pesquisa-ação é considerada um método ou estratégia de pesquisa, que agrega vários métodos ou técnicas de pesquisa social. A metodologia das ciências sociais toma a pesquisa-ação como objeto para analisar suas qualidades, potencialidades, limitações e distorções. Nesta perspectiva a pesquisa-ação é vista como orientação de ação emancipatória destinada a grupos sociais que pertencem às classes populares ou dominadas. Nestes casos a pesquisa-ação é vista como engajamento sociopolítico a serviço das causas das classes populares. Este tipo de engajamento é constitutivo em propostas de pesquisa-ação elaboradas na América latina

e países de terceiro mundo. No entanto a metodologia da pesquisa-ação é discutida em área de atuação técnico-organizativa com outros tipos de compromisso social e ideológico de cunho reformador e participativo. Os valores vigentes em cada sociedade alteram sensivelmente o teor das propostas de pesquisa-ação.

Devido à proximidade, é comum ocorrer confusão em relação as metodologias da pesquisa-ação e a pesquisa participante. De acordo com Thiollent (2011) cabe destacar as principais diferenças entre as duas abordagens. Na pesquisa participante sua metodologia está baseada na observação participante, onde, o pesquisador busca estabelecer uma relação de comunicação com pessoas ou grupos da situação investigada. Neste caso, a participação é basicamente dos pesquisadores que consiste em uma aparente identificação com os valores e os comportamentos para sua aceitação no grupo considerado.

Para configurar uma pesquisa-ação é necessário que haja uma ação por parte das pessoas ou grupos envolvidos no problema sob observação. A ação precisa ser relevante, ou seja, necessita de investigação para ser formulada e conduzida. Como por exemplo a introdução de novas tecnologias, ou criar meio de disseminar informações dentro de uma organização. Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas (IBID, 2011 p.20 -21). A Pesquisa-Ação é considerada uma estratégia metodológica da pesquisa social onde ocorre uma ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas na situação investigada; conforme figura 15.

Figura 15: Situação investigada

Atividades	Fases
Com base nesta interação são definidas as prioridades dos problemas a serem pesquisados e a escolha das soluções a serem encaminhadas sob forma de uma ação concreta	Exploratória/Problema
O objeto da investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social, e pela natureza dos diferentes problemas encontrados;	Reconhecimento da situação
O objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou pelo menos esclarecer os problemas da situação observada	Definição de metas Execução das atividades
Há durante todo o processo um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores envolvidos	Gerenciamento
A pesquisa não se limita a uma forma de ação. Pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou 'nível de consciência' das pessoas e grupos envolvidos.	Divulgação dos resultados

Fonte: da autora com base em Thiollent, 2011

A configuração da pesquisa-ação, como abordada por Thiollent (2011) depende dos objetivos e do contexto no qual é aplicada, para tanto, são destacados três casos: Primeiro caso: A pesquisa é organizada para realizar objetivos práticos de um ator¹⁷ social homogêneo dispendo de autonomia para encomendar e controlar a pesquisa. Segundo caso: a pesquisa é realizada dentro de uma organização (empresa ou escolas) onde existe uma hierarquia e o relacionamento entre os grupos geralmente é problemático. Neste caso o pesquisador precisa trabalhar de forma ética buscando promover reuniões onde todos os grupos sejam representados para propor a ação. Terceiro caso: a pesquisa é organizada em meio aberto (comunidade rural, bairros etc.); geralmente é organizada em função de instituições exteriores a comunidade. O pesquisador precisa manter a objetividade, e sua atitude deve ser de 'escuta' dos vários aspectos da situação, sem imposição unilateral de suas concepções próprias.

Existe na pesquisa-ação, de acordo com a descrição do autor, uma necessidade de elucidação dos objetivos, bem como, a relação entre objetivos da pesquisa e objetivos da ação:

- a) Objetivo prático: deve ser visto com realismo e aplicável à soluções alcançáveis; deve, ainda, soluções para o problema central da pesquisa, baseado em levantamento de soluções para propor ações que auxiliem os envolvidos na atividade transformadora da situação;
- b) Objetivo de conhecimento: obter informações que seriam de difícil acesso por outros procedimentos, ampliar o conhecimento do pesquisador acerca de determinadas situações (reivindicações, representações, capacidade das ações ou de mobilização entre outros).

Segundo o autor podem ocorrer situações onde o objetivo da pesquisa-ação seja 'instrumental'. Este caso pode ocorrer quando a pesquisa possui um propósito limitado a solução de um problema de ordem técnica, considerando que a técnica já exista em seu contexto sociocultural de geração e uso; nestes casos as ações são voltadas para a conscientização dos agentes envolvidos. Não se trata da resolução de um problema imediato, pois, visa desenvolver a consciência da coletividade no plano político e cultural, trazendo clareza a natureza e a complexidade dos problemas considerados. A economia

¹⁷Associação ou agrupamento ativo

de água pela população durante os períodos de seca em determinadas regiões é um exemplo desta situação. A pesquisa-ação pode ainda objetivar a produção de conhecimento não apenas para a coletividade, mas sim, para colaborar com estudos de problema sociológicos, educacionais entre outros.

A diferença entre a pesquisa-ação e a pesquisa convencional consiste no relacionamento entre pesquisador junto aos usuários ou pessoas investigadas. Na pesquisa convencional o usuário atua com informante ou executor das ações e há distanciamento entre os resultados e possíveis decisões e ações decorrentes. A pesquisa-ação por sua vez, só é caracterizada a partir da participação efetiva dos interessados. Estudando de forma dinâmica os problemas, decisões, ações, negociações, conflitos e tomadas de consciência que ocorrem entre os agentes durante o processo de transformação da situação (IBID., 2011, p. 25)

A pesquisa-ação atua a luz de três aspectos: **resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento**. Na atualidade a mesma só consegue atingir em suas pesquisas um destes três conceitos, porém, o autor afirma que com maior amadurecimento metodológico a pesquisa-ação, quando bem conduzida, poderá vir a alcançá-los simultaneamente.

Os níveis de alcance da pesquisa-ação são três: grupos e indivíduos; instituições intermediárias, sociedade global. Desta forma, de acordo com Thiollent (2011) a pesquisa social trabalha com foco na transformação, baseada na realidade de cada ator. Os objetivos devem ser realistas conforme o contexto dos envolvidos nos problemas. O pesquisador não deve ter pretensão de transformar o mundo e sim manter o foco nas questões que precisam ser transformadas de acordo com as características do grupo e indivíduos que o compõe. Os participantes (indivíduos que pertencem ao grupo) precisam possuir clareza dos objetivos; cabe ao pesquisador assessorar as decisões, extrair da prática (dos saberes empíricos) ensinamentos que possam ser compartilhados. Nas ações com características técnicas aplicadas (normalmente em instituições intermediárias) a mesma precisa ser definida levando em conta os meios técnicos e econômicos necessários conforme o saber dos usuários e os contextos sociais. Quando a ação for de caráter cultural, educacional ou política (aplicadas na sociedade global), pesquisadores e participantes precisam fazer uma avaliação realista dos objetivos e dos efeitos das ações. Os resultados nestas abordagens são mais difusos e conseqüentemente menos evidentes. A Figura 16 apresenta de forma objetiva os níveis de alcance da pesquisa-ação e a

interrelação entre os níveis, onde o primeiro nível pode estar inserido nos demais, Thiollent (2011).

Figura 16: Níveis de alcance da pesquisa-ação

Interrelações pesquisa-ação		
Níveis de aplicação da Pesquisa-Ação	Pesquisador	Resultados
1º Grupos e indivíduos Ações: Assessorar decisões	Extrair da prática (saberes empíricos) ensinamentos para ser compartilhado	Clareza dos objetivos e conscientização dos participantes.
2º Instituições intermediárias Ações técnicas	Baseada nos meios técnicos e econômicos necessários; Observar o contexto social e o saber dos usuários	Ação baseada na realidade, valorização e compartilhamento de saberes.
3ª Sociedade Global Ações de Caráter cultural, educacional ou político	Fazer avaliação realista dos objetivos e os efeitos das ações na sociedade.	Mais difuso, menos evidentes e mais demorados.

Fonte: da autora com base em Thiollent, 2011

A pesquisa-ação busca solução para objetivos de natureza imediata; propõe soluções, acompanha as ações, estimula espírito ou consciência participativa dos participantes. O planejamento é flexível e não obedece a uma ordem sequencial; apenas os requisitos iniciais que delimitam o método, (fase exploratória) e fase final (comunicação dos resultados) são definidos no início da atividade. Os elementos do meio da pesquisa, (técnicas e ferramenta) vão se desenvolvendo e sendo aplicadas de acordo com as observações feitas por meio de um diagnóstico inicial. Na fase exploratória é feito um primeiro levantamento que consiste em reconhecer os seguintes pontos: descobrir o campo da pesquisa; identificar os interessados e suas expectativas; reconhecer os problemas prioritários. Por meio do diagnóstico o pesquisador busca identificar as expectativas; o problema da situação e as características da população. A partir destas informações são montadas as estratégias metodológicas que são fundamentadas em: Pesquisa teórica, pesquisa de campo e o planejamento das ações. Após os levantamentos iniciais, pesquisadores e participantes estabelecem os objetivos da pesquisa. Estes são traçados a partir dos problemas considerados prioritários (IBID, 2011).

A pesquisa-ação não pauta suas atividades apenas nos aspectos práticos da ação-pela-ação. A mediação teórico-conceitual é utilizada em todas as fases do desenvolvimento do projeto. A formulação do tema ocorre de forma participativa entre pesquisador e

participante do grupo, caso os mesmos não considerem o tema relevante são estudadas novas possibilidades, até que ocorra consenso entre os envolvidos. Em relação a definição do tema Thiollent, (2011) ressalta que de acordo com as normas metodológicas, esta definição pode ser de ordem 'descritiva' ou 'normativa'. No primeiro caso a proposta é aprofundar o conhecimento acerca de determinado assunto como por exemplo: estudar as condições de trabalho em que as artesãs desempenham na atividade de tecelagem. Ao passo que, no segundo caso, (normativa), a proposta de tema seria: melhorar as condições de trabalho das artesãs que trabalham em teares pente-liço¹⁸. A formulação do tema de forma normativa propõe ações com resultado prático a partir de um assunto específico. Sendo assim, a Pesquisa-Ação é obrigatoriamente normativa, pois, focaliza ações ou transformações específicas com direcionamento explícito.

As técnicas de pesquisa utilizadas na pesquisa-ação são definidas de acordo com o programa de ações a serem acompanhados e avaliados. Sendo assim, podem ser trabalhados seminários, reuniões de discussão entre pesquisadores e interessados, entrevistas coletivas, aprendizagem conjunta na resolução de problemas. A pesquisa-ação pode ser considerada a metodologia do 'conhecer' e do 'agir'. O conhecer migra para o fazer através de ações transformadoras a partir do compartilhamento de conhecimentos que promove aprendizagem e aquisição de novas habilidades. O agir está relacionado a transformação do contexto social envolvido na ação. O autor afirma ainda que o saber informal dos usuários é valorizado e colocado em nível de igualdade com o saber formal dos especialistas no intuito de um crescimento mútuo que promova a "geração e difusão de conhecimentos úteis a resolução de problemas do mundo real" (THIOLLENT, 2011. p. 113).

Pensar e produzir para o mundo e pessoas reais de forma simples e elegante é um dos princípios que norteia o design social como frisa Papanek, (1971). E por apropriar de um cunho de aplicação prática de pesquisa, cujo foco está em obter um resultado concreto e rápido, Thiollent, faz questão de frisar sempre que oportuno, que a pesquisa -ação é um método de pesquisa que possui características flexíveis, o que não desqualifica o método, haja vista, que este sempre será aplicado e coordenado por um profissional de detém um conhecimento técnico/ teórico que valida sua capacidade em escolher quais ferramentas e técnicas serão aplicadas no desenvolvimento e aplicação da ação.

¹⁸ Tear manual para confeccionar peças artesanais a partir da técnica de tecelagem

O 'pensar' e o 'fazer' são conceitos presentes no design social, pesquisa-ação, e design participativo. Nestas abordagens o compartilhamento de saberes e a troca de experiências por meio da fusão do saber formal (aplicado por especialista) e do saber informal (transmitido pelos participantes/usuários) se constituem também em recursos para a obtenção das informações e a geração de conhecimento. O fazer por sua vez, gera interdisciplinaridade na junção da teoria e prática, bem como, na junção de diferentes áreas de conhecimento que podem trabalhar de forma colaborativa para tornar de fato o exercício do design social como uma prática comum aplicada no bem-estar humano.

2.3 Design Participativo e Pesquisa-Ação

O Design Participativo (DP) e a Pesquisa-ação (P-A), buscam promover por meio da integração entre saberes empíricos (conhecimento informal) e os saberes teóricos e procedurais (conhecimento formal) a aproximação entre pesquisadores/designers e usuários por meio da participação e colaboração no desenvolvimento de produtos, serviços, ou na solução de problemas com o intuito de promover inclusão social, melhoria da qualidade para pessoas que estão à margem da sociedade. O usuário no design participativo atua como coprojetista ou codesigner¹⁹; o mesmo, participa de todas as fases do projeto, do início ao fim, de forma semelhante com abordagem da P-A. Apesar da base metodológica do design participativo na abordagem de Santa Rosa (2012) ser voltada para o desenvolvimento de sistemas (interfaces), as etapas aplicadas para desenvolvimento do projeto podem ser adaptadas e aplicadas em pesquisas que objetivam solucionar problemas tendo o usuário como coautor do processo.

De acordo com Santa Rosa (2012) e Lee (2012). Esta abordagem surgiu na Escandinávia, no final da década de sessenta e início dos anos setenta, buscando possibilitar uma gestão mais democrática no design de sistemas/ produtos. Também foi utilizado como instrumento para melhorar a comunicação e interação entre indústria e os movimentos sindicais que por meio de uma austera legislação trabalhista que defendia valores culturais, dignidade humana, desenvolvimento pessoal e qualidade de vida para os

¹⁹ Santa Rosa (2012), Sanders (2002) e Lee (2012)

trabalhadores da indústria (SANTA ROSA, 2012, p.17). Ainda no contexto histórico da abordagem chamam atenção os pontos de convergência entre o DPe a PA; entre eles destacam-se o período de surgimento, e os objetivos, descritos pelos autores, conforme pode ser analisado na figura 17.

Figura 2: Similaridade histórica do surgimento da pesquisa-ação e design participativo

Santa Rosa (2012, p.17)	Thiollent (2011, p. 95).
<p>O design participativo surgiu na Escandinávia, no final dos anos 60 e início dos anos 70, com uma tentativa de estabelecer gestões mais democráticas ao design de sistemas/produto no contexto da informatização dos postos de trabalho (sob uma forte legislação trabalhista e alicerçada em valores culturais de dignidade humana, desenvolvimento pessoal, qualidade de vida e inclusão)</p>	<p>A partir dos anos 60, de acordo com a concepção reformista dos programas de “democratização industrial”, nos países da Europa do Norte, a pesquisa-ação faz parte dos instrumentos utilizados para estudar e transformar a organização do trabalho dentro da problemática sociotécnica. Nesta é analisada a interrelação dos aspectos sociais (estruturas de grupos, hierarquia, formação profissional, qualidade de vida no trabalho, etc.) com os aspectos tecnológicos (disposição física das máquinas, automação etc.).</p>

Fonte: da autora, baseado em Santa Rosa (2012) e Thiollent (2011)

A partir desta colocação é possível perceber uma estreita relação entre design participativo e pesquisa-ação. Ambas derivam de princípios semelhantes perante um contexto histórico no qual os interesses estavam voltados para objetivos promotores de transformações nas relações sociais entre categorias diferentes, mas com interesses comuns, buscando abordagens onde o indivíduo tivesse participação ativa no processo (neste cenário ganha relevância a empatia abordada no tópico 2.3).

A palavra ‘participação’ é recorrente tanto no DP quanto na PA e seu sentido ganha peso ao ser empregado como elo que aproxima e valida os conceitos das abordagens. Bordenave (1994) afirma que a sociedade moderna com o crescimento industrial, desenvolvimento dos meios de comunicação e comunicação em massa, em um primeiro momento tendeu-se para massificação do individualismo, porém, na atualidade o processo está inverso: com a globalização as pessoas estão reagindo contra a alienação e buscando mais à participação coletiva. O autor frisa ainda, que as pessoas são convidadas a participar de diferentes formas na sociedade, seja votando nas eleições, dando sugestões na programação das mídias impressas (jornais e revista) e faladas (rádios e televisão). O

conceito de democracia associada a participação passa a ser um modo de relacionamento, estado de espírito.

Ainda, de acordo com o Bordenave (1994), o homem tem o hábito de viver agrupado desde suas origens, sendo assim, a participação é inerente ao ser humano como ser social, que está inserido em diferentes grupos na sociedade. Este pode ter uma participação ativa ou passiva, tanto nos grupos primários (família etc.); grupos secundários (associação etc.); e os terciários (movimentos de classe, etc.). A participação possui duas bases: **Afetiva** e **instrumental**. No caso da participação Afetiva o indivíduo participa por vontade própria, sente prazer em estar com os outros. No segundo caso (participação instrumental) o indivíduo busca benefícios próprios; estes estão acima do prazer em fazer, ou seja, é uma atividade com vínculo meramente formal de acordo com Bordenave (1994, p. 16).

Entende-se, neste estudo, o conceito de participação como uma atitude, estado de espírito, que o pesquisador, usuário ou participante precisam ter para se envolver de forma afetiva e instrumental, visando alcançar resultados efetivos perante a situação analisada. Considera-se mais adequado propor ações tendo como base as abordagens do DP e da P-A explorando técnicas e ferramentas que promovam conhecimentos, trocas de saberes e aprimoramento de técnicas e serviços. Trata-se também de colaborar com o fortalecimento de grupos sociais e pessoas que utilizam os saberes manuais em processos artesanais como meio de inclusão social, geração de renda entre outros, como meio de melhoria da qualidade de vida. Na figura 18 é possível observar etapas do DP, as fases de cooperação entre pesquisadores/designers e usuários, as atividades que são desenvolvidas e as palavras-chave dentro da abordagem.

Figura 18: Processo metodológico do Design Participativo

Fases		Envolvidos	Atividades
1 ^a	Exploração Descobrir/ouvir	Pesquisador Participante	Reconhecimento: ambiente, ferramentas de trabalho. Exame das tarefas, uso de tecnologias. Métodos aplicados: observação, entrevistas, visitas organizacionais e artefatos. Workshops (oficinas de trabalho)
2 ^a	Processo de descoberta Projetar	Pesquisador Participante	Organização do trabalho Definição de objetivos e valores Métodos aplicados: jogos organizacionais, jogos de dramatização, conjunto de ferramentas organizacionais, <i>workshop</i> , <i>storyboards</i> , modelos de fluxos de trabalho, sessões de interpretações.
3 ^a	Prototipação Finalizar/Apresentar	Pesquisador Participante	Modelagem dos artefatos tecnológicos Coexploração interativa.

Fonte: da autora com base em Santa Rosa (2012)

A PA inicia suas atividades tendo como ponto de partida a fase inicial e o final que é a divulgação dos resultados. Sendo assim a parte intermediária é flexível e cabe ao pesquisador media-la diante das circunstâncias encontradas e conforme a dinâmica do grupo. Como referido no item 2.1, o conjunto de planejamento da pesquisa-ação é flexível. Na figura 19, encontra-se o processo, sugeridas por Thiollent (2011) apenas como um exemplo de ponto de partida.

Figura 19: Concepção e organização da pesquisa-ação

PROCESSOS DA PESQUISA-AÇÃO			
	Fases	Envolvidos	Atividade
1ª	Fase exploratória	Pesquisador	Diagnóstico das situações prioritárias, atores envolvidos, definição de equipe
2º	Tema da pesquisa	Pesquisador Participantes	Problema prático, áreas de conhecimento que serão abordados
3º	Colocação dos problemas/objetivos	Pesquisador Participantes	Definição dos objetivos
4º	Fundamentação teórica	Pesquisador	Fundamentar amparado por áreas do saber a aplicação da ação de acordo com as características do problema
5º	Hipótese	Pesquisador	Orientar a ação com aspectos estratégicos e práticos.
6º	Seminário	Pesquisador Participantes	Discutir informações coletadas, sequências das atividades.
7º	Campo de observação	Pesquisador	Delimitação do espaço onde será aplicada a ação: comunidade geograficamente concentrada (favela) ou espalhada (camponeses); Amostra intencional: grupo de pessoas
8º	Coleta de dados	Pesquisador Participantes	Utilização de técnicas: entrevistas coletivas, questionários. Técnicas antropológicas: observação participante, diário de campo, história de vida. Técnicas de grupo: sociodrama (recriar situações vivenciadas pelos participantes)
9º	Aprendizagem	Pesquisador Participantes	Planejamento para gerar, utilizar informações e orientar ações.
10º	Saber formal/saber informal	Pesquisador Participantes	Estabelecer (ou melhorar) comunicação dos envolvidos no universo cultural. Aproximar conhecimento formal do especialista com o saber informal dos usuários.
11º	Plano de ação	Pesquisador Participantes	Concretizar a ação planejada: conhecer os atores e suas influências.
12	Divulgação dos resultados	Pesquisador Participantes	Fazer conhecer os resultados; sugerir novo ciclo de investigação; compartilhar experiências.
	*As áreas destacadas na cor vermelha são consideradas obrigatórias na execução da pesquisa-ação		

Fonte: da autora com base em Thiollent, (2011)

Observando as abordagens do DP e P-A, percebe-se que é possível trabalhar com grupos sociais, aliando ferramentas e técnicas para alcançar resultados que fortaleçam a atuação design em um modelo social considerando primeiro as pessoas e posteriormente em produtos e/ou serviços. Com base no ouvir deve-se buscar caminhos onde pessoas menos favorecidas da sociedade sintam-se acolhidas e capazes de expressar suas opiniões em questões que almejam uma transformação, seja na forma de pensar, agir e 'tomar parte' de assuntos que dependam de sua colaboração. O design por sua vez, por meio do conhecimento técnico, materializa ideias por meio de ações pensadas e planejadas com base na participação, difundindo os resultados, compartilhando assim informações e saberes.

Para acessar e ouvir os anseios dos outros sugere-se uma atuação ética e responsável, tendo como foco a transformação ou conscientização para efetiva validação da ação; cabe ao pesquisador/designer além de conhecimento técnico desenvolver um pensamento sensível e empático para trabalhar com grupos sociais. Conhecer e aplicar estes conceitos como autoconhecimento, pode promover um melhor entrosamento entre os envolvidos conduzindo-os à percepção dos problemas reais e elaborando soluções para desafios despercebidos quando não há um olhar e atitude sensível e empática para as necessidades do outro.

2.4 Sensibilidade, Empatia²⁰e Usuários no Design Social

A percepção está diretamente ligada aos sentidos; deste modo, entende-se que a mesma é uma experiência particular de cada indivíduo e pode estar ligada ao seu repertório intelectual ou sensorial. Na atualidade a filosofia busca refletir sobre as formas como a sensibilidade se manifesta em diferentes campos da ciência. Coccia (2010), em seu livro 'A Vida Sensível', divide o tema em dois campos distintos: a física do sensível e antropologia do sensível. De acordo com este estudo a vida sensível apoia-se na experiência e no sonho; para o autor ela não possui origem humana e cada animal possui uma abertura para determinado tipo de sensibilidade. Conforme

²⁰ A discussão acerca da sensibilidade foi iniciada na monografia de pós-graduação, 2012/2014 sob o título de LEONILSON: gesto e matéria; na atual pesquisa busca-se associar este conhecimento preliminar à empatia.

fundamentos antropológicos, o sensível torna-se independente tanto em relação ao sujeito como ao objeto, mas é por meio deste, que o vivente age e interage sobre as coisas do mundo circundante, incluindo os outros seres vivos.

Levando esta definição para o campo do design (mais precisamente no processo de materialização das ideias amparados nos conceitos da estética e desenvolvimento de produtos) é possível perceber o quanto a sensibilidade interage nos processos de escolha do indivíduo. Agir de forma sensível no campo de atuação do design social, cujo objetivo central está baseado em premissas que privilegiem o bem-estar humano, pode contribuir para troca de saberes entre áreas distintas do conhecimento, promovendo interdisciplinaridade e atividades que propiciem reflexões acerca do espaço ocupado por cada indivíduo e da importância da atitude pessoal de cada um para alcançar o todo. A sensibilidade passa a ser entendida como uma ferramenta essencial para compartilhar conhecimentos, pois, é através da interação que é possível compreender as necessidades do outro, interpretando sinais que revelam anseios implícitos. Desta forma, o desenvolvimento de um olhar sensível, pode conduzir as pessoas a agir de forma empática, na busca de soluções que contribuam para o convívio mais humano em comunidade.

Ao ter contato com as técnicas artesanais executadas pelas integrantes do grupo Pontos de Amor, pôde-se observar a importância histórica que determinadas atividades exercem na vida da artesã, pois ao executar determinada atividade as mesmas recordam como a aprenderam, quem ensinou, o tempo de dedicação para a execução do trabalho, o contexto cultural e social que vivem, bem como, as transformações que a sociedade passou até os dias atuais. O ato de falar sobre as técnicas provoca uma nostalgia inicial em algumas, que em seguida, transforma-se em alegria. As lembranças embalam e reforçam a importância da atividade manual em seu cotidiano.

Ao serem provocadas pela designer (autora desta dissertação) a pensar em novos meios de explorar aquele conhecimento, seja por meio da troca, onde elas ensinam outras pessoas, ou até mesmo nas possibilidades de ressignificar o uso do produto resultante da técnica artesanal (ou seja, mostrar novas possibilidades de uso) percebe-se um empoderamento no olhar e na vontade de compartilhar. Neste momento, agindo de forma sensível, é possível instigar os indivíduos a explorar conceitos sustentáveis em seu cotidiano, seja por meio do reuso, seja na tomada de consciência da relevância histórica do produto no contexto de quem o executou. Assim

de forma suave a empatia começa a adentrar o contexto, como meio de colocar-se no lugar do outro para compartilhar saberes ou um mútuo cuidado, que colabore com o bem-estar do outro.

2.4.1 Empatia e Abordagens Sociais

Certas palavras nos parecem familiares devido a forma como são aplicadas no dia-a-dia e situações que as mesmas materializam. Ao ouvir a palavra empatia dentre tantos conceitos abordados pela disciplina, Design e Relação de Uso²¹, o contexto em que a mesma estava sendo empregada, gerou uma inquietação, acerca de quais ações no campo design aplicam conceitos empáticos e quais os resultados percebidos destas ações. Inicialmente buscou-se amparo no dicionário Houaiss (2014) para entender a base etimológica da palavra e suas aplicações. Em uma exploração mais ampla com intuito de visualizar os contextos que a empatia é aplicada ou estudada percebeu-se que a empatia é utilizada em diferentes abordagens no campo social. As áreas da saúde e da psicologia exploram a empatia como linhas de abordagem para tratamentos. A educação como forma de sensibilizar o relacionamento entre professores e alunos e entre alunos e colegas. No campo do design, a empatia começou a ser utilizada por meio da abordagem do design universal, que busca oferecer produtos de acordo com as reais necessidades do usuário; e, na arte a empatia é aplicada pelo viés estético, Krznaric (2015).

Para compreender o alcance da palavra empatia e sua relação com conhecimento, cabe aqui entender sua origem, bem como a forma como foi interpretada e que áreas do saber se apoderam de suas ramificações. A raiz etimológica do termo é de origem grega - *Empatheia*, que deriva de *pathés*, em (colocar dentro, em) + *pathos* (paixão), ou seja, colocar-se no lugar do outro indica uma atitude de envolvimento e paixão pelo outro. Na língua portuguesa o termo recebe vários significados conforme dicionário Houaiss

3 capacidade de se identificar com outra pessoa, de sentir o que ela sente, de querer o que ela quer, de apreender do modo como ela apreende etc;
3.1 *psic* processo de identificação em que o indivíduo se coloca no lugar do outro e, com base em suas próprias suposições ou impressões, tenta compreender o comportamento do outro; **3.2** *soc* forma de cognição do eu

²¹Disciplina ofertada pelo programa de Mestrado Profissional em Design da Univille.

social mediante três aptidões: para se ver do ponto de vista de outrem, para ver os outros do ponto de vista de outrem ou para ver os outros do ponto de vista deles mesmos cf. *antipatia* e *simpatia* (HOUAISS, WEB, 2014)

Foram selecionadas apenas as definições, cujo entendimento dialoga com os objetivos da pesquisa; sendo assim, as definições trazidas pelo dicionário da língua portuguesa trazem um resumo da forma como a palavra foi utilizada ou compreendida ao longo da história. Com base nos apontamentos de Camino (*et al.*, 2009, p. 213) “a empatia foi objeto de estudo de diversos campos do saber, como a Estética, a Filosofia, a Sociologia e a Psicologia”. Abbagnano (2012, p.377) define empatia como “união ou fusão emotiva com outros seres ou objetos”. Ainda de acordo com o autor, Lipps estudou o termo empatia para esclarecer a experiência estética. Conforme seus apontamentos “essa experiência, assim como o conhecimento dos outros eus, ocorreria mediante um ato de imitação e projeção” (IBID, ano, p). O processo de imitação interna é chamado de *Einfühlung*, (termo de origem alemã que pode ser traduzido por ‘sentir dentro’) ocorrido durante a apreciação de objetos de arte. Através do *Einfühlung*, propriedades subjetivas presentes na obra ou objeto podem ser sentidos pelo espectador como se o mesmo fizesse parte daquele contexto. “Analogamente, a experiência estética consistiria em projetar no objeto estético emoções propriamente humanas, ou seja, em atribuir sentido e paixão as coisas insensatas” (ABBAGNANO, 2012, p.377).

A partir da década de 50 a empatia passou a ser estudada com mais profundidade e foi aplicada pela psicologia que a entende como a capacidade das pessoas compreenderem umas às outras, surgindo deste modo a ‘Psicologia da Personalidade’. O estudo consiste em entender a capacidade de sentir, vivenciar situações descritas ou passadas por outros como se fosse a própria pessoa, ou seja, capacidade de vivenciar experiências alheias. Carl Rogers, foi um dos pesquisadores que defendeu a psicoterapia focada na pessoa e ficou conhecido mundialmente como criador da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Nesta abordagem o terapeuta busca estabelecer um clima terapêutico adequado, desenvolvendo sentimentos empáticos pelo cliente. A empatia assumiu importância fundamental na teoria Rogeriana, defensor da ideia que só se pode falar em compreensão empática quando é ultrapassada a fronteira do entendimento ‘exterior’ sobre os pensamentos e sentimentos da outra pessoa, chegando a compreendê-la ‘de dentro’. Diante deste conhecimento ocorre a sensibilização do terapeuta pelo relato do cliente, o

entendimento e compreensão de seus estados internos, sem fazer nenhum julgamento de valor sobre a subjetividade da pessoa (CAMINO *et al.*, 2009.) Tanto a teoria de Lipps como a de Rogers são ferramentas importantes para pensar no Design Social e para o Design Participativo; a capacidade de colocar-se no lugar do outro permite ao designer ampliar seu campo de pesquisa para desenvolver métodos de trabalho de acordo com as necessidades apresentadas por cada grupo estudado; para isso leva-se em conta o contexto bem como características pessoais que cada membro manifesta ao fazer parte daquele grupo: suas aptidões e prazer em executar determinada tarefa.

Ao tratar da empatia e sua relevância em trabalhos sociais, uma inquietação surge em forma de indagação: sendo a empatia tão importante nas relações, porque é pouco discutida e praticada, Krznaric, (2015) responde esta indagação:

(...) enfrentamos quatro barreiras sociais e políticas fundamentais que bloqueiam a plena expressão de nossa imaginação empática. Seus nomes? Preconceito, autoridade, distância e negação. Para termos chance de recupera-las precisamos primeiro compreender porque elas nos impedem de nos colocar no lugar do outro. (KRZNNARIC, (2015, p. 64)

A abordagem de Sanders (2002) se aproxima desta percepção na medida em que a autora defende que a habilidade de se colocar no lugar do outro só ocorre em níveis mais profundos de expressão e para acessar estes níveis (sentimentos, sonhos e imaginação) é necessário conviver. Considerando o foco deste estudo estas reflexões podem contribuir para o bom desempenho dos trabalhos propostos pela designer como a escolha da melhor abordagem para colaborar com o processo criativo dos artesãos visando sua aprendizagem utilizando o seu repertório de memórias e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo em suas experiências cotidianas.

Krznaric (2015) aborda a empatia no campo social com foco nas ações humanas e nas relações holísticas. Instiga por meio da sensibilização que as pessoas tenham atitudes de cooperação para o bem-estar global, praticando atitudes de colocar-se no lugar do outro, seja para produzir um produto, desenvolver um serviço, ou ações de cooperação para preservar o meio ambiente, respeitando ao espaço do outro e compreendendo que as necessidades humanas são semelhantes principalmente o direito de viver com dignidade.

A frase “o tamanho único não serve para todos” é de autoria de Patrícia Moore, (1952) considerada a mãe do conceito do design ‘universal e inclusivo’, que defende

a empatia como base para o desenvolvimento de produtos de acordo as necessidades do indivíduo: “o esforço para olhar através dos olhos do outro pode ser pessoalmente desafiador, e por vezes extremamente divertido, mas tem também extraordinário potencial como uma força para a mudança social” (KRZNARIC, 2015, p.12).

A empatia aliada à interdisciplinaridade, à aplicação de técnicas de criação exploradas pelo campo do design (e à outras áreas) pode enriquecer e proporcionar experiências agradáveis para ajudar as pessoas a realizar atividades cotidianas que por algum evento foi alterado ou até mesmo para proporcionar uma melhora na qualidade de vida em geral. Em abordagens recentes de design a atuação participativa e colaborativa com o usuário, bem como as abordagens centradas no usuário, procura integrar o usuário na equipe responsável pelo projeto; nele o usuário é coautor e participa ativamente da conceituação/desenvolvimento do produto, sistema ou interface. No Design Participativo (DP) que, de acordo com Santa Rosa (2012) e Sanders (2002), pode ser trabalhado como metodologia, abordagem metodológica ou uma filosofia, o envolvimento e a participação ativa do usuário é central; no Design Centrado no Usuário, (DCU), esta participação é mais limitada, mas o usuário continua sendo o centro do processo contribuindo com suas experiências, para que o produto (sistema, produto ou serviço) atenda às suas necessidades (MORAES, 2012). Na pesquisa-ação, a ação configura-se por meio da participação ativa dos envolvidos da situação, e para tanto, a empatia pode ser aplicada na fase exploratória da pesquisa e continuar em diferentes fases do processo que dependem da sensibilidade do pesquisador para administrar os imprevistos surgem ao longo da investigação.

Em ambas as abordagens a empatia pode ser usada, haja vista, que antes já estava presente como um dos valores destacados por Cross (2004) ao discutir o Design como terceira área do conhecimento, bem como, no conceito de Design universal (que também explorava a empatia como base para o desenvolvimento de produtos que atendessem os anseios do usuário de acordo com suas necessidades ou realidades experimentadas). O estudo das bases metodológicas, o domínio de métodos e técnica que podem ser aplicadas para a solução de problemas reais não pode perder de vista a sensibilidade e empatia. Estes conceitos devem ser incorporados a atitudes que estão atreladas ao exercício do design social no qual o usuário, com seu conhecimento informal. Depende da humildade, paciência e

conhecimento formal do pesquisador para traduzir em palavras e ações desejos e com potencial para a transformação do indivíduo.

2.5 Síntese do Capítulo

Os assuntos apresentados no segundo capítulo objetivaram descrever as metodologias aplicadas ao campo do design com foco em ações sociais onde a participação do indivíduo faz parte do processo. Inicialmente buscou compreender o sentido do termo metodologia, sua base epistemológica e qual sua função dentro da atividade de pesquisa. Com isso percebe-se que sua função está na organização das etapas que são aplicados, nos métodos e nas técnicas de pesquisa bem como na capacidade que a mesma possui de validar métodos de pesquisa. Diante destes esclarecimentos foi possível perceber possibilidades de abordagem da pesquisa-ação e seus métodos de pesquisa em atividades com grupos sociais. Também foi possível aliar a abordagem do design participativo com a Pesquisa-Ação para obter êxitos de forma segura na aplicação do design e na solução de problemas cujo objetivo central é promover a participação e o sentimento de ser parte de um processo benéfico para o grupo. A partir da constatação da possibilidade de aliar DP e P-A, buscou-se entender o conceito de sensibilidade e empatia aplicados a processos de pesquisas que atuem, com base na participação e colaboração como geradores de conhecimento e compartilhamento de saberes.

O próximo capítulo apresentará um estudo de caso no qual a Pesquisa-Ação é associada ao Design Participativo para atuar junto ao grupo Pontos de Amor, grupo composto por voluntárias, e que requer sensibilidade e empatia para a troca de experiências, contribuindo para o crescimento individual e do grupo (e para o exercício de suas atividades destinadas aos menos favorecidos) com criatividade, dignidade e humildade.

3. AÇÕES DE DESIGN NO GRUPO PONTOS DE AMOR

A atuação como designer no grupo se deu por meio de um convite feito pela coordenadora recém empossada na época, Senhora Armi Lang, que ficou na gestão do grupo pelo período de 4 anos de 2010 a 2014 (ocasião em que já havia concluído o curso de Design de Moda). Atualmente o grupo é coordenado pela Senhora Loren L. Hardt. O convite se deu quando a Armi foi fazer um levantamento dos materiais presentes no espaço de trabalho do grupo. A mesma constatou uma grande quantidade de retalhos de tecidos, sendo em maior quantidade pernas de calças jeans. Sem saber o que fazer com o material consultou o então Pastor Renato Becker e sua esposa Valmi Becker da Paróquia São Mateus que sugeriu a participação de um designer. Os dois pastores haviam voltado recentemente da Alemanha onde atuaram com grupos sociais assistidos pela diaconia além de serem lideranças respeitadas neste setor dentro da IECLB. O convite para desenvolver o trabalho como voluntária foi prontamente aceito pela autora desta dissertação e a partir dos retalhos iniciou-se o desenvolvimento de vários produtos, bolsas, tapetes, colchas para cama e serviços americanos.

3.1 Diagnósticos e Resultados de Ações

As ações iniciais no Grupo Pontos de Amor foram realizadas com base nas percepções da designer e relatos que as participantes expunham. No início a metodologia adotada para o trabalho era baseada nas abordagens clássicas do design, para a solução de problemas. Sendo assim, os métodos e ferramentas eram variados e utilizados de acordo com a necessidade e características dos problemas. Como no início das atividades no grupo a designer não possuía conhecimento acerca da Pesquisa-Ação, todas as ações foram realizadas com foco na melhoria da qualidade dos trabalhos e valorização dos saberes das voluntárias.

O processo inicial seguia da seguinte forma: no processo de criação das peças, a designer desenvolvia os moldes e confeccionava o protótipo, depois repassada para uma costureira do grupo para costurar as demais peças. As combinações de cores e estampas geraram alguns impasses no começo, pois, as costureiras não assimilavam a

representação de formas que fugissem do padrão tradicional. Uma das situações que ilustram este desafio pode ser exemplificada pelas colagens de tecido que tinham como tema uma galinha d'angola: na percepção de alguns participantes este tema deveria ser ilustrado exclusivamente com tecido preto (estampado com bolinhas brancas ou vice-versa, padronagem poás²²). Como estava reaproveitando tecidos foi sugerido tecido com estampas florais para compor as formas das galinhas. Outro ponto de tensão eram as aplicações de flores que, em determinados trabalhos os protótipos, apareciam apenas pela metade; houve resistência em costurar estas peças, porque em sua percepção, não existia flor pela metade.

Diagnosticando estas dificuldades foram providenciadas oficinas para trabalhar as variadas formas de representação. Por meio de estímulos visuais, com uso de imagens, as oficinas focavam na interpretação (que entre outros objetivos visavam explicitar a diferença entre representação dos objetos e os objetos reais) e do diálogo, a liberdade que há no processo criativo, bem como, a maneira como o cérebro completa as formas que estão incompletas). Atualmente as próprias artesãs criam novas formas, exploram estampas e desenvolvem seus próprios produtos. Devido a características tradicionais do grupo, as atividades associadas ao design foram introduzidas de forma calma com ações planejadas baseadas na participação e percepção dos resultados. As integrantes do grupo que coordenam os núcleos de atividades (de ponto cruz, ponto cheio, entre outros) executam e ensinam técnicas manuais com as quais tem habilidade e cujo domínio está em suas famílias há várias gerações. Sendo assim, nem todas reagem bem à conselhos e sugestões que podem colaborar com desenvolvimento ou aprimoramento da técnica. Na figura 20 algumas imagens ilustram alguns produtos confeccionados a partir do reaproveitamento de materiais como: flores de tecido, aventais, bolsas e recipiente de tecido para servir biscoitos na mesa.

²² Poás: tecidos estampados com bolinhas que podem ser grandes ou pequenas e de cores variadas.

Figura 20: Produtos desenvolvidos a partir do reaproveitamento de materiais



Fonte arquivo pessoal, 2016

No intuito de contribuir com a apresentação dos produtos, também foi desenvolvida a identidade visual do grupo, pois o mesmo não possuía nenhuma forma de comunicação em relação aos produtos desenvolvidos pelo grupo. Foram criados cartões de visitas e etiqueta para identificação dos trabalhos conforme figura 21

Figura21: Identidade visual



Fonte: da autora, 2016

As cores e símbolos presentes no material foram aplicados de acordo com as especificações da CEJ. A tonalidade lilás, é a cor oficial da diaconia e os símbolos são da IECLB e da Diaconia.

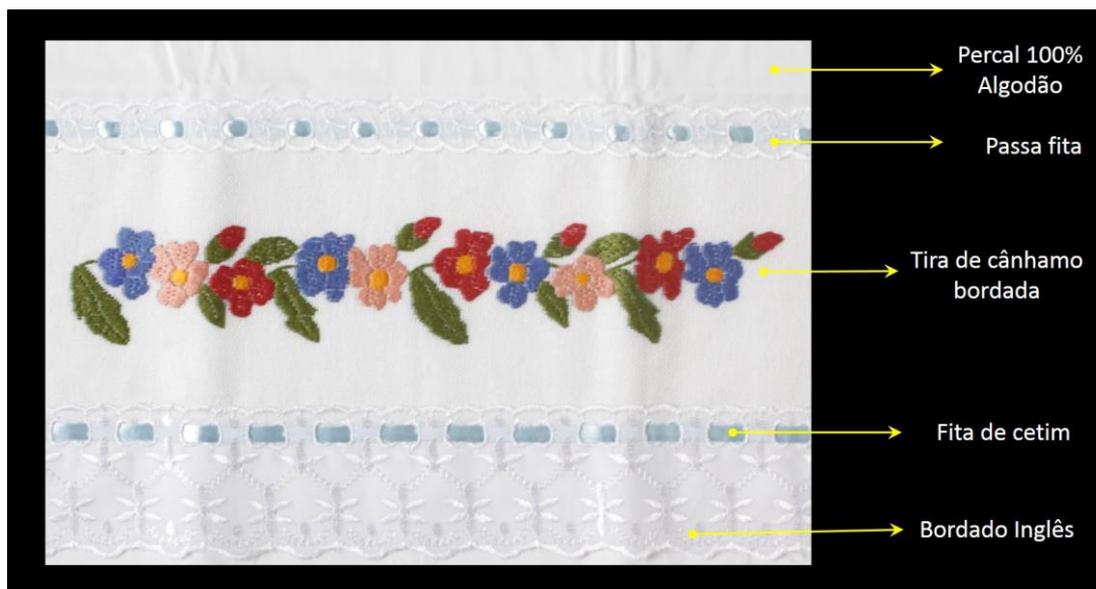
Ao conversar com as mulheres durante a realização das atividades, ouviu-se muitas queixas de dores nas articulações. Então foi sugerido um momento de relaxamento antes de iniciar as atividades. Destinou-se tempo para momentos de ginástica laboral sob orientação de uma fisioterapeuta por 5 minutos antes do início dos trabalhos. Foram enfatizados exercícios de alongamento dos principais membros envolvidos nas atividades do cotidiano das mulheres.

Outra abordagem significativa foi a redução de fios na confecção dos bordados. As técnicas dos bordados são extremamente bem elaboradas e o acabamento é impecável. O que chamava atenção era a quantidade de elementos que eram bordados em uma única peça, sugerindo profusão e excesso; as participantes gastavam muito tempo fazendo um único trabalho e utilizavam grande quantidade de fios em uma única peça. Os custos relacionados ao tempo e aos materiais não eram repassados para o produto na hora da venda comprometendo o retorno financeiro e o investimento em aviamentos para os bordados feitos pelo grupo. De forma sutil (considerando tempo e abordagem) sugeriu-se a redução do bordado, escolhendo com a coordenadora os riscos (desenhos para bordar); paralelamente procurou-se destacar as características positivas (como leveza, simplicidade) destes motivos nas peças. As bordadeiras tinham dificuldade em reduzir o tamanho dos bordados, mas aos poucos (ao longo de aproximadamente dois anos) foram aceitando e atualmente preferem bordar temas que não tomem muito tempo e com poucas variações de cores. O resultado foi a redução nos custos com os bordados e aumento na produção e qualidade estética dos produtos.

A escolha dos materiais e aviamentos também foi beneficiada com o envolvimento do design. Ao ter contato com os trabalhos percebeu-se que as fronhas (que eram no percal, 100% algodão) recebiam como acabamento passa-fitas e bordado inglês de poliéster. São duas fibras diferentes, sendo uma natural e a outra sintética; elas podem ser usadas em conjunto em determinados produtos, porém, nas fronhas não reagem da mesma forma ao serem expostas a altas temperaturas. O algodão é mais resistente ao passo que o poliéster deforma e não retoma a forma original. Ao contrário das peças que podem ser lavadas em água quente e passadas a ferro, o risco de danificar a fronha era evidente, gerando conseqüentemente insatisfação de quem adquiriria o produto. A partir de atividades de esclarecimento e experimentação dos materiais, os aviamentos

decorativos foram substituídos por composições de algodão para manter o mesmo padrão como tecido utilizado na confecção das fronhas, percal 100% algodão. As peças são brancas e recebem aplicação de uma faixa de tecido de cânhamo bordada, com acabamentos de passa-fita com fita de cetim e barrado de bordado inglês. A figura 22 ilustra o esquema de montagem e distribuição dos aviamentos nas peças.

Figura 22: Esquema de montagem com aviamento das fronhas



Fonte: Arquivo pessoal, 2016

A cada dificuldade relatada pelas participantes ou diagnosticada pela designer, imediatamente era proposta uma ação, as vezes esta era de fácil solução outras dependiam de um processo mais demorado. Dentre aquelas que a percepção do resultado levava mais tempo, estão as ações que dependiam do convencimento para provocar mudanças, seja de atitude ou de valores. Para alcanças os objetivos é necessário passar pelo estágio de conhecimento, sensibilização, conscientização e finalmente o empoderamento, só após este processo é possível perceber os resultados.

3.1.1. Transição para Participação

Diante das situações relatadas cada encontro era aproveitado para um momento de imersão, no qual, por meio de observações da designer e sugestões das artesãs, foram

definidos os temas para trabalhar em oficinas (embora as oficinas para aproximação de conceitos do design estejam ocorrendo desde 2010, a partir de 2015 elas passaram a ser planejadas intencionalmente utilizando os fundamentos desta dissertação).

A principal dificuldade que elas relatavam era a combinação de cores e estampas. Como as horas de encontro do grupo na segunda-feira já tinham atividades pré-determinadas, considerou-se que não comportaria a realização de oficinas no mesmo dia. Foi acordado entre artesãs e coordenação a realização das oficinas nas segundas-feiras em que o grupo não possui atividades, lembrando que os encontros do grupo Pontos de Amor, ocorrem a cada quinze dias. A opção pelo dia da semana e horário partiu das próprias voluntárias, pois, não costumam ter outras atividades nas segundas-feiras. A primeira atividade foi planejada de acordo com as sugestões das artesãs e ocorreu no dia 18 de maio de 2015

3.2 Pesquisa-Ação e Abordagens Desenvolvidas no Grupo Pontos de Amor

Utilizando o roteiro sugerido por Thiollent (2011), foram estruturadas as atividades desenvolvidas no grupo, baseadas no conceito da pesquisa-ação. O presente roteiro traz as informações gerais em relação a organização e sequencias das fases para efetivar a ação, porém conforme frisa o autor este é um método flexível que pode ser adaptado de acordo com as características dos envolvidos e o tipo de situação que precisa ser solucionada. A integração entre pesquisa-ação de design participativo ocorre praticamente em todas as fases, porém, de forma mais efetiva na aplicação de técnicas utilizadas pelo (DP) na inclusão do usuário no processo. A figura 23 apresenta a sequências das atividades que estão organizadas em fases agrupadas por cores:

Figura 233: Roteiro da aplicação prática P-A grupo Pontos de Amor

Aplicação da pesquisa-ação nas atividades do Grupo pontos de Amor			
Fases		Envolvidos	Atividade
1ª	Fase exploratória	Designer Participantes ²³	Diagnóstico inicial da situação. Participantes do grupo; voluntários que executam a técnica que precisa de interferências.
2º	Tema da pesquisa	Designer/ participantes	Descritiva: relacionado ao problema que precisa de solução.
3º	Colocação dos problemas/objetivos	Designer Participantes	Identificação do problema; Proposta de soluções; Resultado final pretendido
4º	Fundamentação teórica	Designer	Embasamento teórico acerca das questões que precisam ser solucionadas;
5º	Hipótese	Designer Participantes	Hipóteses qualitativa: formulação de situações que possam ser conectadas para alcanças os resultados.
6º	Seminário	Designer Participantes	Compartilhamento com os participantes das medidas propostas para executar a ação;
7º	Campo de observação	Designer	Amostra intencional: participantes do grupo PA
8º	Coleta de dados	Designer Participantes	Ocorre de forma verbal: participantes e pesquisadores sugerem novas intervenções e necessidades.
9º	Aprendizagem	Designer Participantes	Circulação de informações a fim de estimular a aprendizagem.
10º	Saber formal/saber informal	Designer Participantes	Geração de conhecimentos por meio da troca de experiências entre a designer (saber formal) e participantes (saber informal).
11º	Plano de ação	Designer Participantes	Definição dos envolvidos na ação, responsáveis por executar a técnica e resultado esperado.
12	Divulgação dos resultados	Designer Participantes	Os resultados das ações: são apresentadas ao grupo, expondo os produtos confeccionados.

Fonte: da autora baseado em Thiollent, 2011

Às fases destacadas em vermelho são as etapas consideradas obrigatórias e não devem sofrer alterações em suas posições dentro do processo de solução do problema. De acordo com junção de fases no grupo Pontos de Amor a metodologia aconteceria conforme descrito a seguir:

Voluntárias que fazem parte do grupo Pontos de Amor

Fase exploratória (1): esta fase ocorre rotineiramente, conforme os trabalhos vão sendo feitos e algumas questões precisam ser analisadas. Estas questões são apresentadas por diferentes pessoas: o líder que coordena; o núcleo que executa determinada técnica; a coordenadora do grupo e a responsável pelas vendas dos produtos (Sra.: Eladir Miers) e pela própria designer.

Fases ‘Definição Tema’ (2), ‘colocação dos problemas objetivos’ e ‘fundamentação teórica’ (3): Inicia-se a partir do conhecimento técnico e prático da designer, em relação a situação identificada e das demandas emergentes do grupo. A mesma estuda possibilidades que possam ser aplicadas na solução do problema, levando em conta o conhecimento das artesãs, material disponível para uso, custos (caso precise comprar algum material), o nível de complexidade para executar a atividade e tempo de execução da técnica. Busca referência em estudos e livros publicados que tratam de situações semelhantes a que está sendo analisada. Exemplo: técnicas de costura para melhorar o acabamento nas bordas dos serviços americanos. É preciso pesquisar e analisar as técnicas em livros, revistas (da área de acabamentos de costura), assistir vídeos publicados na internet mostrando o passo a passo. Destaca-se aqui a relevância de envolver as participantes ativamente na pesquisa.

Fases ‘Formulação de hipóteses’ (5) e ‘seminário (reunião)’ (6): as informações coletadas com a participação delas e possíveis soluções reunidas são apresentadas para que as envolvidas possam participar da evolução do processo, expressar suas opiniões e sugerir alternativas caso não seja possível executar conforme planejado inicialmente.

Fases ‘campo de observação’ (7) ‘coleta de dados’ (8) e Aprendizagem (9): Ocorrem o tempo todo e de forma contínua; as situações levantadas ocorrem dentro do grupo e em todos os encontros são observados e ouvidos relatos das artesãs acerca das dificuldades ou necessidade da inserção de novas técnicas para aprimorar seus conhecimentos acerca das atividades que estão desempenhadas.

Fase ‘aprendizagem e saber formal/saber informal’ (10): estas fases são primordiais no desenvolvimento do trabalho com grupos sociais. Além de estudar “formas de estruturar maneiras de comunicação entre o universo de conhecimento do especialista e os envolvidos” (THIOLLENT, 2011, p.76). Sensibilidade e empatia são atitudes necessárias para tomar decisões no ato de compartilhar o conhecimento formal do design, para transmitir as artesãs detentoras do conhecimento (informal). No grupo Pontos de Amor, as participantes manifestaram interesse em aprender técnicas para combinar as cores em seus trabalhos. Como este é um tema, que a

designer possui afinidade, foram montados Workshops (oficinas de trabalho) com base no conhecimento adquirido na graduação em design de moda, e cursos de aprimoramento acerca da teoria das cores e suas aplicações na prática. Coube a designer encontrar formas de transmitir estes conceitos, de forma simplificada, utilizando uma linguagem que tornasse o aprendizado um momento de prazer e descobertas. As oficinas, o processo e os resultados das atividades podem ser conferidos com maior profundidade no item 3.2.1. Optou-se por apresentar de forma detalhadas as oficinas devido ao fato desta, aliar a pesquisa-ação a ferramentas utilizadas em abordagens do design citadas anteriormente como Design Participativo, sensibilidade e empatia

Fase 'plano de ação' (11): o plano é montado de acordo com a complexidade de ação; ocorre em praticamente em todas as fases haja vista que é preciso prever e traçar metas de execução das atividades e as etapas que devem ser seguidas para executar a tarefa. Quando as situações relatadas pertencem a um núcleo específico o plano de ação ocorre conforme a disponibilidade de tempo das envolvidas para discutir, executar e apresentar os resultados.

Fase 'divulgação dos resultados' (12): a divulgação dos resultados ocorre internamente. No caso do desenvolvimento de novos produtos a partir da experimentação de novos materiais, os produtos são expostos nos dias de encontros para que todos os núcleos conheçam o que está sendo produzido. Com o amadurecimento e colocação das atividades de forma ordenada, baseada em metodologias que validam a pesquisa prático/teórico como método para trabalhar com grupos sociais, é possível buscar meios de compartilhar os resultados das ações de forma externa em eventos que discutam o alcance do design social.

As intervenções do design no grupo produziram resultados positivos e em algumas atividades o tempo para perceber os mesmos, foram mais longos, porém, conseguiu atingir o objetivo de conscientização e promover uma atitude mais participativa das artesãs na seleção dos elementos formais e técnicos no desenvolvimento do trabalho. Em observância ao princípio normativo da pesquisa-ação, todas as fases foram pensadas, analisadas e implantadas, para resolver questões que promovam melhorias aos processos de aprimoramento das técnicas e conscientização das participantes em relação a importância do envolvimento individual de cada uma na manutenção e crescimento do grupo; quanto no empoderamento a partir do conhecimento apreendido em termos materiais e imateriais. Estes conceitos podem ser observados na descrição a seguir das

atividades voltadas para qualificação da mão de obra, aprimoramento de técnicas e experimentação de novos materiais e formas aplicadas com participantes do grupo com base no diagnóstico de problemas.

Levando em consideração a relação do design participativo e da Pesquisa-ação, cujo foco das técnicas e ferramentas utilizadas por ambas as abordagens são de integrar o usuário/participante no processo, apresenta-se de forma sucinta as ferramentas descritas por Santa Rosa (2012) e Thiollent (2011). Santa Rosa (2012) associa ao Design Participativo, técnicas de inclusão como: o Diagrama de Afinidades; Teste de Usabilidade; *Personas*; Cenários; *Workshops*; *Brainstorming*; Grupo de Foco (Grupo Focal); *Cardsorting*; Teste de *Stress* de Navegação (*stress navigation test*); Prototipagem em papel; Diferencial Semântico; Questionários e Entrevistas; Análise Contextual; *Fly on the Wall*; *Day in the life*; Sondas Culturais (*cultures probes*); Observação Participante; *Mood Boards*; Avaliação Cooperativa; Avaliação Heurística Participativa; Delphi; Constelação de Atributos; Caixa Morfológica; Método de Produção; Estimativa de Compreensibilidade; *Harley Balls*; *Eyetracking*; História Oral.

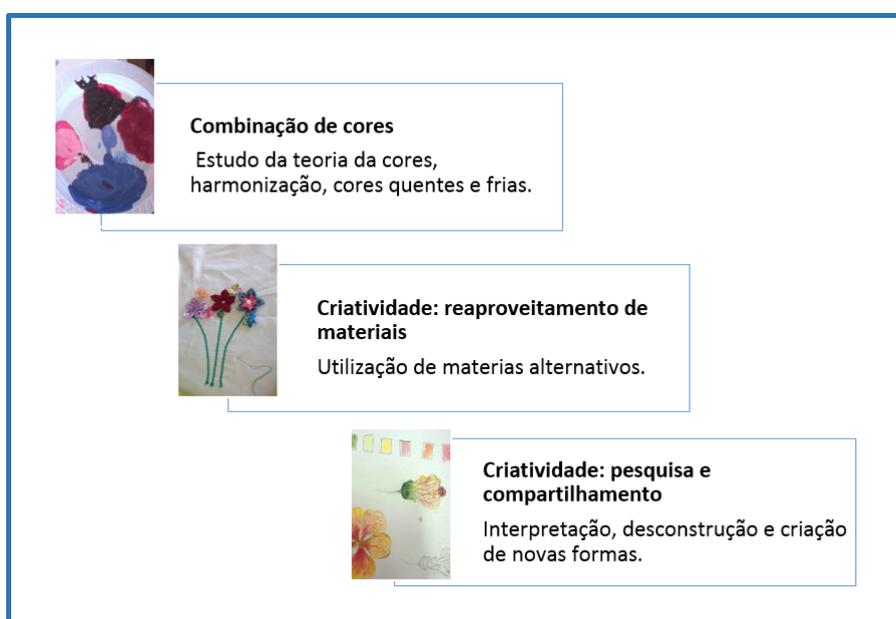
A Pesquisa-Ação utiliza a técnica do Seminário como principal ferramenta onde gravitam as outras como: questionários e entrevistas (individual e em grupo). “O seminário centraliza todas as informações coletadas e discute as interpretações. (THIOLENTE, 2011, p. 67). Diante das características de inclusão e flexibilidade para troca de saberes foi selecionada a atividade Workshop (utilizada pelo Design Participativo e muito próxima a técnica do seminário) para aplicar no Grupo Pontos de Amor.

3.3. Workshop realizados no Grupo Pontos de Amor

Devido as características flexíveis desta ferramenta, optou-se em aplicá-la na presente abordagem, levando em conta a simplicidade do planejamento inicial, a aplicação prática e a percepção concreta dos resultados, tanto pelos participantes quanto pelo designer. Segundo Santa Rosa (2012) *workshops*, são atividades práticas-criativas que permitem que o usuário ou participante da atividade tenha voz ativa no processo de design. Os materiais devem ser simples e informais, e dependendo da atividade é possível perceber os resultados ao concluir a oficina.

A seleção das atividades aplicadas nas oficinas partiu de sugestões das participantes do grupo e da observação da designer em relação as principais dificuldades que demonstravam na execução dos trabalhos. Foram montados três roteiros de trabalho com os seguintes títulos conforme a figura 24: combinação de Cores (com base nos estudos da teoria das cores e suas classificações); Criatividade no reaproveitamento de materiais (aliado a combinação de cores conforme o tipo do material); Criatividade e compartilhamento (interpretação, desconstrução e construção de forma a partir de um objeto que identificação pessoal).

Figura 244: Títulos workshops Ponto de Amor



Fonte: da autora 2016

Definidos os temas para as oficinas foi realizado um planejamento das atividades para que os assuntos dialogassem, possibilitando a continuidade do mesmo no próximo encontro fixando assim os conceitos trabalhados nas atividades práticas.

3.3.1 Workshop Sobre Cores

Data de realização do workshop: 18, maio, 2015.

Tempo de duração: 4 horas

Participantes: 08 (integrantes do grupo)

Ministrante: Designer Maria Odete Stahn

Figura 55: Roteiro workshop sobre cores

Workshop realizado em 18, maio, 2015

TEMA: Aplicação das cores em trabalhos manuais

Objetivo geral
Analisar como as cores podem ser exploradas em atividades artesanais, baseado na teoria das cores e contribuição deste conhecimento na diferenciação dos trabalhos manuais, bem como, atividades cotidianas.

Método
Atividade prática, com tinta guache.

Técnica empregada
Desenvolvimento de círculo cromático composto por 12 cores: primárias, secundárias, terciárias.
Estudo cores quentes frias, contrastes e harmonia das cores.

Resultado esperado
A Identificação das cores, conceito de cores quente e frias e harmonização por meio das cores saturadas e dessaturadas.

Resultado alcançado
As participantes conseguiram identificar cores quentes e frias, cores opostas e o processo de clarear e escurecer as cores (saturar e dessaturar).



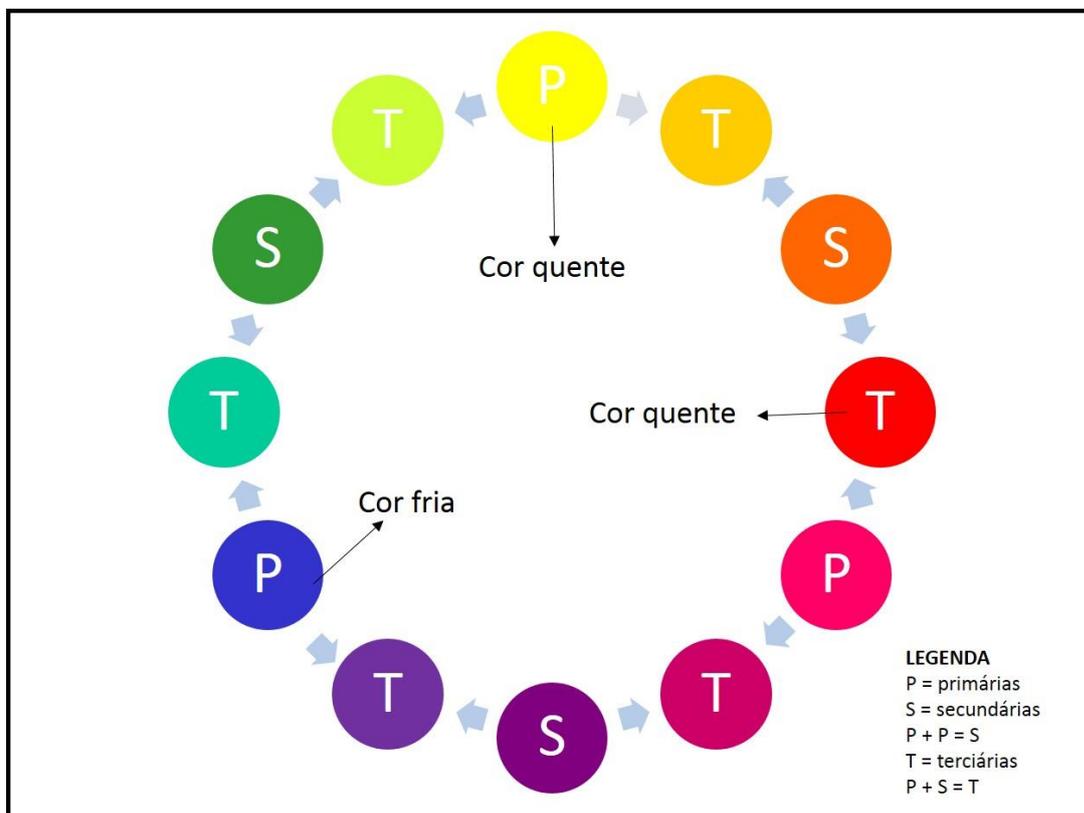
Fonte: da autora, 2016

Foi direcionado para a temática cor considerando a aplicação harmônica dos pigmentos em trabalhos manuais. O objetivo central da oficina era explicar por meio da junção entre teoria e prática a forma como os humanos percebem as cores. Na introdução teórica, com uso de recursos visuais foi explicada a forma de percepção da cor pelos olhos; diferença entre cor luz e cor pigmento e as deficiências visuais na percepção das cores, os tipos de daltonismo²⁴. Na parte prática as participantes experimentaram as cores, criando um círculo cromático com doze cores: primárias, secundárias e terciárias. De acordo com Sidaway (2012, p. 12), “o círculo cromático é um inteligente arranjo diagramático de cores que mostra alguns aspectos básicos da teoria das cores”. Para isso, as participantes foram orientadas a desenhar em uma folha branca uma forma circular com doze mini círculos (conforme figura 26) para experimentação de conceitos relacionados a pigmentos prestando atenção nas relações de proximidade; também foram exploradas as relações associadas a cores primárias, (pigmentos puros), secundárias (mistura de duas quantidades iguais de cores primárias) e terciárias (mistura de partes iguais de uma cor secundária com uma

²⁴O daltonismo é um tipo de deficiência visual em que o indivíduo não é capaz de reconhecer e diferenciar algumas cores específicas.

primária). Ainda foram considerados as relações associadas a cores quentes e frias e ao contraste, complementaridade (cores que estão opostas no círculo) e harmonia (cores que estão próximas no círculo).

Figura 266: Círculo cromático



Fonte: da autora baseado em Sidaway,2012

Considerou-se que entendendo estes conceitos é possível melhorar a escolhas das composições de cores e estampas nos trabalhos. Para a atividade cada participante construiu seu círculo cromático, utilizando tinta guache para criar as cores, conforme figura 27.

Figura 77: Workshop sobre cores



Fonte: da autora, 2016

O resultado da oficina foi perceptível durante o processo; iniciou-se com envolvimento das participantes na atividade e como as mesmas associavam os conceitos das cores, visualizando a aplicação prática em suas atividades artesanais e cotidianas. De forma descontraída e sem rigor formal as mesmas expressaram suas preferências, combinando as cores, produzindo novas tonalidades e fazendo anotações sobre quais pigmentos elas conseguiram criar, e em qual técnica ficaria melhor a aplicação de determinadas harmonias.

3.3.2 Workshop Criatividade Reaproveitamento de Materiais

Data de realização do workshop: 18, junho, 2015.

Tempo de duração: 4 horas

Participantes: 08 (integrantes do grupo)

Ministrante: Designer Maria Odete Stahn

Figura 88: Roteiro workshop Criatividade de reaproveitamento de materiais

<p style="text-align: center;">Workshop realizado 15, junho, 2015</p> <p>TEMA: Criatividade e reaproveitamento de materiais</p> <p>Objetivo geral Aplicar na prática os conceitos de combinação de cores, no desenvolvimento de produtos e reutilização de materiais.</p> <p>Método: Atividade prática,.</p> <p>Técnica empregada: Desenvolvimento de um panô, onde as participantes tinham como tarefa criar um objeto a partir referências pessoais inspirado nas cores trabalhadas no workshop 01 (teoria das cores) e reaproveitar tecidos e aviamentos.</p> <p>Resultado esperado: A percepção das participante de como podem trabalhar a sustentabilidade reutilizando materiais e combinar as cores com flores de tecido.</p> <p>Resultado alcançado: Todas as participantes desenvolveram a atividade, e na medida do possível combinaram as cores e verbalizaram a importância da criatividade no processo de reutilização de materiais.</p>	
--	--

Fonte: da autora, 2016

Com o intuito de fixar os conceitos aplicados na atividade sobre as cores, o workshop foi planejado, propondo outra atividade prática com o objetivo de estimular a criatividade a partir do reaproveitamento de materiais e combinação das cores nos arranjos de flores que fossem criados. Foram disponibilizadas flores confeccionadas a partir de sobras de tecidos doadas ao grupo Pontos de Amor, como material para as participantes desenvolverem algum objeto. As mesmas sugeriram a criação de um objeto para decorar suas casas. Entre as sugestões de objetos estavam à criação de arranjos de flores, quadros, enfeites para janelas e panô²⁵, sendo que este último item foi o escolhido para o desenvolvimento. Não foi disponibilizada grande variedade de cores no intuito de estimular a reflexão das mulheres sobre os efeitos de contraste das cores e harmonização dos tons. Outra ação proposta neste workshop foi o reaproveitamento de materiais trazendo questões relacionadas a sustentabilidade ambiental; não foi comprado nenhum produto para a oficina, estimulando assim o uso consciente dos produtos, bem como, a experimentação de novas formas de aplicação (figura 29).

As participantes foram orientadas a buscar referências e imagens em suas memórias e seu repertório cotidiano para serem representadas no panô. Algumas

²⁵Painel decorativo feito com tecidos.

criaram vasos de flores, outra construíram a representação de uma janela com floreira e outras produziram buques de flores.

Figura 99: Workshop reaproveitamento de materiais e combinação de cores



Fonte: da autora, 2016

Durante a atividade as participantes encontraram dificuldades em combinar as cores, e recorriam ao exercício da atividade anterior (workshop sobre cores) para visualizar a posição das cores no círculo e assim poder criar contraste e composições mais harmônicas. Devido a quantidade de flores disponíveis, as mesmas começaram a inventar flores colocando as menores no centro das grandes, aplicando botões coloridos a fim de produzir efeitos mais vibrantes e alegres nas composições. Com base em suas referências pessoais, desenvolveram o tema que representariam no pano. No decorrer da atividade foi possível perceber a troca de experiências (uma ensinando a outra a criar novas flores), trocando informações sobre a variedade de flores que possui na região com as cores que estavam criando e analisando as cores e formas que cada uma estava explorando.

3.3.3 Workshop de Criatividade: Pesquisa e Compartilhamento

Data de realização do workshop: 10, julho, 2015.

Tempo de duração: 4 horas

Participantes: 8 (integrantes do grupo)

Ministrante: Designer Maria Odete Stahn

Figura 30: Roteiro workshop sobre criatividade memória

Workshop realizado em 10, julho, 2015
TEMA: Pesquisa e Criatividade

Objetivo geral
Trabalhar a criatividade a partir repertório pessoal, compartilhamento de experiências e memórias

Método:
Atividade prática, percepção visual
As participantes foram desafiadas a levar para a oficina uma flor que pertencesse a seu jardim, ou que tivesse algum significado em sua vida.

Técnica empregada:
Compartilhamento de memórias relacionada com a flor que as participantes trouxeram para a oficina;
Observar e extrair as cores que compunham a flor
Percepção das formas
Desconstrução da flor;
Criação de novas formas a partir das cores e partes da flor.

Resultado esperado:
Estimular a percepção visual por meio da contemplação de elementos que compõem o cotidiano.

Resultado alcançado:
O envolvimento ativo das participantes;
A percepção das cores e formas na flor
Desconstrução da forma
Construção de outras formas a partir dos desenhos criados.



Fonte: da autora, 2016

Após os primeiros encontros e as percepções positivas em relação as abordagens, foi planejada o terceiro workshop, no qual buscou-se apresentar por meio de técnicas criativas como fazer uma pesquisa de temas para desenvolver um trabalho. A atividade foi montada da seguinte forma: solicitou-se com uma semana de antecedência que as participantes pesquisassem a respeito dos tipos, cores e formas de flores que tinham em seus jardins (a maioria das participantes cultivam flores em suas residências), livros ou internet as espécies que elas mais gostassem. Após a pesquisa escolhessem uma flor (flor real) que tivesse algum significado especial em sua vida.

Ao chegarem para a atividade foi proposto que cada uma relatasse suas descobertas com a pesquisa e o motivo da escolha da flor. Após o compartilhamento das descobertas com a pesquisa, foi sugerido que, aquelas que se sentissem à

vontade poderiam trocar suas flores com a colega para assim iniciar a atividade. A reflexão visava estimular o gesto da troca, respeito e cuidado ao lidar com a memória e escolhas do outro. Em termos estéticos visava aprofundar o conhecimento referente as cores, contrastes, harmonia e formas. O próximo exercício foi colocar a flor em uma superfície em branco para fotografá-la; a partir daí iniciou-se a análise dos elementos que compunham a mesma e consequente a imagem produzida. As participantes analisaram as cores e variações tonais da flor. Com lápis de cor representaram as cores que percebiam de acordo com as classificações estudadas anteriormente (quentes, frias, opostas ou complementares). Também foram analisadas as linhas presentes nas partes da flor e formas que a mesma possuía (circulares, quadradas, retangulares, triangulares entre outras); passando em seguida para desconstrução da forma, a fim de gerar outras a partir de elementos da flor (caule, pétalas ou miolo). A geração de novas formas foi seguida com aplicação de cores e construção de novas imagens a partir do olhar individual de cada uma. A figura 31 apresenta o resultado da atividade realizada pelas participantes.

Figura 31: Resultado workshop técnica de criatividade a partir da imagem



Fonte: da autora, 2016

As técnicas aplicadas na atividade produziram um efeito positivo nas participantes; elas relataram o quanto é importante analisar as imagens e interpretar cada elemento que compõe o todo, a partir de um olhar mais criterioso é possível produzir trabalhos exclusivos a partir da memória e identidade pessoal. A técnica de desconstrução da forma foi compreendida pelas mesmas, como uma maneira prática de aplicar as técnicas de bordados e crochês em outros produtos. A percepção de como as cores são compostas pela natureza, foi outro fator relatado por elas, que pretendem aplicar estes conceitos em suas atividades diárias seja na forma como se vestem, decoram suas casas e selecionam as cores para aplicar em seus trabalhos manuais. Alguns participantes aceitaram trocar as flores e neste momento foi ressaltada a importância da troca, seja de saberes, materiais e técnicas e o cuidado que se deve ter com as memórias e valores do outro.

As três abordagens foram positivas. Foi possível perceber como resultado principal que a parceria, respeito e a confiança colaboraram no entendimento dos conteúdos abordados. A observação destes requisitos permitiu o nascimento de uma relação de amizade, compartilhamento e união.

3.4 Discussão da Experiência

A participação como designer no grupo Pontos de Amor (a partir de 2010) vem promovendo mudanças que estão colaborando com a manutenção do grupo, a continuidade das ações sociais, a melhoria na qualidade dos produtos, bem como a troca de conhecimentos, a experimentação e adaptação de novos materiais. As dificuldades encontradas diante das resistências ao novo são compreensíveis, haja vista, que com quarenta anos de existência há um histórico de atuação consolidado; considera-se ainda que, neste cenário, há uma oportunidade de incluir outras ponderações como por exemplo, os resultados alcançados em relação a venda dos produtos a partir da alteração da matéria-prima e a reutilização de materiais.

Apesar de o grupo existir há quarenta anos, sempre recebeu doações dos mais variados produtos; na atualidade continua a receber doações fato que contribui com as ações sociais; com o aumento nas vendas dos produtos desenvolvidos pelas voluntárias foi possível manter suas atividades e colaborar com outros grupos que necessitam de auxílio. Diferente dos outros empreendimentos (citados no item 1.2) cujo objetivo é capacitar a mão de obra (para a geração de renda pessoal), no grupo Pontos de Amor a renda gerada pela comercialização dos produtos é revertida em favor de terceiros, sendo assim, o ganho para as voluntárias é imaterial, ao passo que a troca entre design e artesanato contribui tanto no campo material (aprimoramento de técnicas, experimentação de novos materiais) quanto imaterial (valorização dos saberes manuais, empoderamento, compartilhamento de experiências e memórias).

As ações de design desenvolvidas com o grupo, ainda que intuitivamente, desde a sua origem observaram e respeitaram o tempo que as integrantes levavam para assimilar os conceitos e se conscientizar da importância da ação na execução da técnica e dos benefícios que a mesma poderia trazer para as atividades do grupo. A aproximação com o grupo também levou em conta sensibilidade e empatia na colocação dos problemas encontrados e possíveis ações que poderiam ser aplicadas na solução destes. Ouvia-se e respeitou as posições contrárias e a favor e, em parceria com a coordenação do grupo, foram elaboradas propostas com a adesão e participação das artesãs, que passaram a atuar em conjunto sob a observação atenta da designer; A realização de Workshops (oficinas de trabalho), e a escolha das temáticas, por exemplo, foi uma resposta a solicitação explicitada por elas para o aprimoramento de suas habilidades.

Ao refletir sobre as ações aplicadas no grupo é possível dimensionar os pontos positivos em trabalhar aplicando conceitos metodológicos que privilegiem a participação ativa das mulheres no processo. Os resultados acabam se tornando mais consistentes e favorecem a realização de novas experiências no contexto do grupo. Os fundamentos relacionados ao Design Participativo e a Pesquisa-ação permitem um planejamento com fases que devem ser seguidas e constantemente reavaliadas; observou-se ainda, ao longo do tempo, a relevância que resultados concretos possuem na adesão e aceitação de novas propostas. O encontro entre design e os trabalhos manuais no Pontos de Amor, resultou na qualificação dos produtos e na sensibilização dos envolvidos (designer e participantes). A autonomia, o

empoderamento e a transformação ocasionadas em decorrências das ações, tornam-se evidentes no comportamento das voluntárias quando analisam de forma crítica e autônoma a execução das atividades, buscando sempre novas técnicas ou meios de aprimorar.

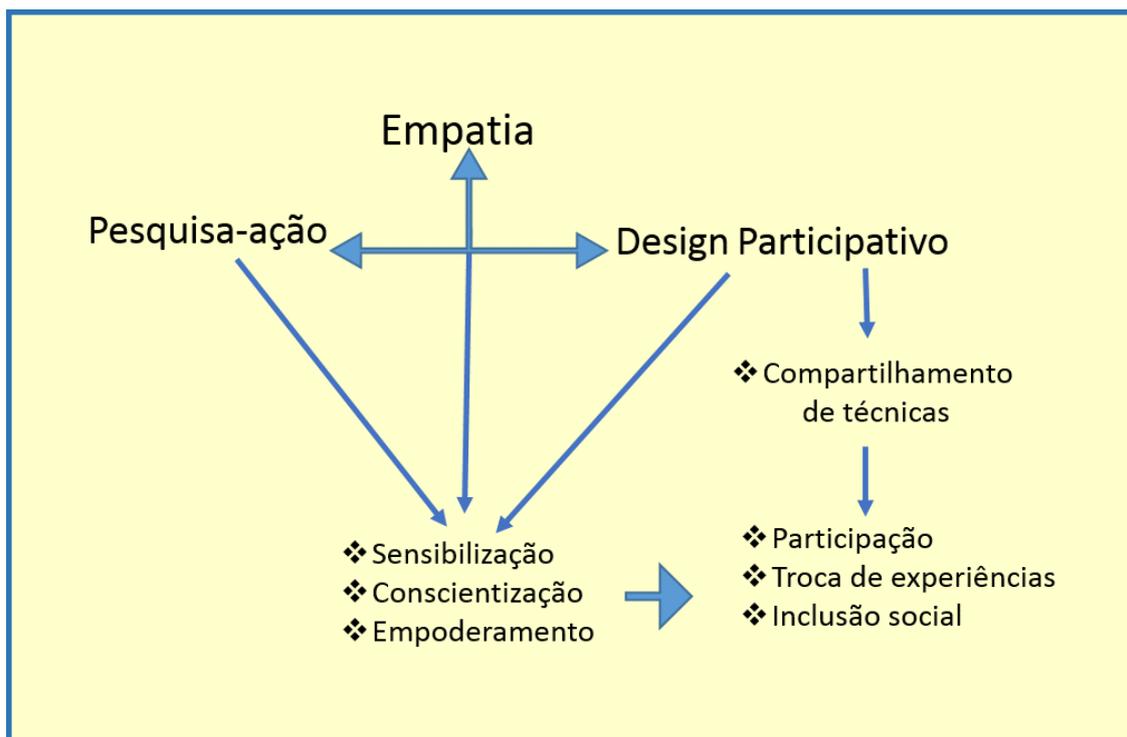
É notável que o 'novo' causa certo desconforto e assusta em um primeiro momento; alguns se adaptam com facilidade, outros levam um tempo maior. Os casos em que ocorrem resistências as mudanças, são situações isoladas que dependem de abordagens mais específicas que até o momento não foram incorporadas a rotina do grupo. Nestes casos as ações dependem de acompanhamento psicológico entre outros, que poderão ser pensados em momento oportuno como mais uma ação para promover integração e compartilhamento, respeitando os limites, o tempo e espaço de cada um. Nestas situações será necessária a integração do campo da psicologia para atuar de forma conjunta com o designer para trabalhar situações que demandam ações no campo comportamental.

Ao refletir sobre como o processo de pesquisa-ação foi aplicada no grupo Pontos de Amor, conclui-se que o mesmo ocorreu conforme os passos apresentados na figura 32: a empatia está presente em todo o processo; a pesquisa-ação e o design participativo contribuíram para a condução das atividades baseadas na colaboração e no compartilhamento de técnicas ampliando o protagonismo das participantes no processo; observou-se que esta atitude associada ao olhar atento e a postura sensível e empática da designer/pesquisadora favoreceu a troca de experiências e a sensibilização/conscientização da importância de participar para adquirir novos conhecimentos. Ao sentir-se incluído e com espaço para expressar suas ideias, o propósito de participação pode ser ampliado, de forma natural, para outras situações e papéis na sociedade. Compartilhando histórias, saberes e experiências abre-se espaço para a discussão de outros temas relevantes para as ações do grupo como a sustentabilidade, por exemplo, que começa a fazer sentido, ao ser utilizado de forma prática respeitando o contexto social no qual o participante está inserido) bem como, para temas que são relevantes de acordo com suas percepções.

Embora a sustentabilidade seja um tema periférico nesta discussão, as atividades que exploraram este tema ilustram bem como conceitos abstratos e complexos podem ser abordados de forma palpável, ativa e significativa; a sustentabilidade ambiental foi explorada por meio do reaproveitamento de tecidos e

outros materiais; a sustentabilidade social permeou todo o relacionamento na medida que as atividades foram conduzidas considerando, intencionalmente, promoção do bem-estar do próximo, da inclusão social, da participação voluntária em causa que acredita, da sensibilidade e da empatia); já a sustentabilidade econômica foi contemplada com atividades associadas a redução do custo com matéria-prima.

Figura 32: Aplicação da pesquisa-ação no grupo Pontos de Amor



Fonte: da autora, 2016

Considera-se que a empatia é um fundamento essencial para pesquisa-ação (e também para o design participativo), especialmente para atividades relacionadas a grupos sociais. O envolvimento com as pessoas requer paciência, sensibilidade e disposição, respeito ao tempo delas e disposição para recomeçar do zero até que a mensagem seja compreendida e a comunicação bem-sucedida. Cabe ao designer/pesquisador/mediador assumir e promover atitudes de escuta, reflexão, e disponibilidade para fazer e refazer no intuito de atingir os objetivos do design social que é promover a inclusão social do ser humano.

As participantes manifestaram desejo de compartilhar suas opiniões a respeito de seus pontos de vista acerca da colaboração do design nas atividades do grupo. Ao manifestarem este desejo e tendo em vista a diretriz central da pesquisa-ação de que

os resultados devem ser apresentados e discutidos com os participantes antes de serem publicados apresenta-se a seguir os depoimentos:

3.4.1 Depoimentos das Participantes do Grupo Pontos de Amor

Os depoimentos foram fornecidos de acordo como a participante se sentia mais à vontade para fazê-lo. Algumas preferiram fazer o depoimento por meio de uma conversa informal, onde foi utilizada gravação em áudio para registrar; outras preferiam fazer o depoimento por escrito utilizando meio eletrônico (e-mail) ou escrita manual. Ao transcrever o áudio, buscou-se manter fielmente o que constava nas gravações e nos depoimentos feitos por escrito. A seguir são apresentadas as opiniões coletadas.

Depoimento por meio eletrônico (e-mail)

Ministra Religiosa Valmi Ione Becker - 64 anos de idade

“O Renato e eu somos Ministros Eclesiásticos da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Assim, faz alguns anos, fomos convidados a trabalhar na Paróquia São Mateus, em Joinville (SC). Logo nos primeiros dias de atividade na mesma, foi o Grupo “Pontos de Amor” que nos chamou a atenção. Nele se reuniam muitas mulheres de etnias, crenças e nível sociais diferentes. Aquelas mulheres vinham até ali e sentavam-se em torno de algumas mesas com o objetivo de desenvolverem trabalhos artesanais na área da costura. À medida que o tempo passava, fomos nos envolvendo mais e mais com o referido grupo. Assim, durante seis anos, participamos dos trabalhos a partir de reflexões cristãs ecumênicas e de diálogos. Dava gosto de conviver com aquelas mulheres porque se percebia sua informação crescente nas mais diferentes áreas.

Num dado momento da nossa caminhada dentro da Comunidade, conhecemos a sra. Maria Odete Stahn. Num primeiro contato logo já descobrimos que ela era formada em Design e que esta sua formação poderia proporcionar uma boa oportunidade para que o “Pontos de Amor” pudesse se desenvolver, somando qualidade aos trabalhos manufaturados. Para a nossa alegria, a Maria Odete aceitou o desafio em fazer parte do Grupo em questão.

Ela, de mansinho, foi conquistando o Grupo com seu jeito empático de ser; com sua abordagem tranquila; com sua atuação democrática de sugerir e apresentar sugestões às pessoas envolvidas. Sua competência e sensibilidade como Designer fez com que as mulheres confiassem nas mudanças gradativas que ela ofertava. Isso mesmo! A Maria Odete acompanhava as pessoas bem de perto e, dessa forma, partilhava o seu saber, ouvia e ensinava. Resumindo: Ela trabalhava com aquelas mulheres; para aquelas mulheres e no tempo daquelas mulheres. Aquele avançar conjunto e contínuo era bonito e, por si só, exalava respeito mútuo e cumplicidade.

Sim, o Grupo Pontos de Amor evoluiu com o conhecimento promovido pela Designer Maria Odete. Essa mudança se deu a partir do saber profissional repartido por ela. Os trabalhos manuais e artesanais ficaram bem mais bonitos e diversificados, com mais qualidade. Em consequência disso, a venda destes produtos aumentou a olhos vistos. Penso que foi em vista disso que vimos que, hoje, o Grupo Pontos de Amor considera a parceria com a Designer Maria Odete Stahn fundamental para o sucesso da sua ação entre aquelas mulheres”.

*Diác. Valmi Ione Becker – 64 anos de idade
Ministra Religiosa da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*

Depoimentos fornecidos por escrito

Sra. Armi Lang. 53 anos voluntária a 6 anos no grupo; função coordenadora pelo período de 2010 a 2014; atualmente atua como costureira (artesanato e enxoval), bordadeira e auxilia na montagem das sextas básicas e visitas a pessoas acamadas ou com dificuldades de se locomover.

“Com vinda para o grupo de uma profissional em design, houve grandes mudanças, ou direcionamentos com relação aos bordados e tecidos. Os trabalhos ficaram mais suaves e menos carregados, reduziu a quantidade dos bordados, fato que causou a redução de custos com a compra de fios e do tempo com a mão de obra. O crochê no acabamento das peças tornou-se um complemento do bordado e não mais uma extensão das cores dos bordados. Os tecidos foram separados por finalidades: os adequados para confeccionar fronhas e lençóis para o enxoval dos bebês (algodão e macios); outros tecidos para confecção de fronhas para adultos e tecidos para artesanato (trabalho que não existia) as pernas de calças jeans por exemplo foram utilizadas para diferentes trabalhos; Aqui foi onde a mudança deu asas à imaginação com surgimento de bolsas, ecobags, aventais, jogos americanos, luvas térmicas (retirar pratos quentes do forno), recipiente para guardar a cesta para colocar pão, lixeiras para carros entre outros itens.

Quero frisar aqui que isso só foi possível por termos recebido a orientação de uma designer com conhecimento e boa vontade para passar este conhecimento a outras pessoas, sem se preocupar com a quantidade de horas que já havia doado para o grupo. A Maria Odete respeita o nosso conhecimento, ela nunca diz que nossos trabalhos estão feios, ela olha e diz: ficou bom como você fez, mas o que você acha de fazer assim? Quando fazemos como ela sugeriu percebemos que fica melhor, mais suave e o acabamento melhora. Ela nunca desvaloriza nossos trabalhos, apenas sugere melhorias”.

Sra. Eliane Schwitzki Schulze, participa do grupo a 2 anos. Atua no grupo como bordadeira de ponto cheio.

“Conseguimos aprender a combinação de cores em nossos trabalhos, valorizando mais nossos produtos. Aprendemos ainda, a não sobrecarregar o produto com muitas aplicações, pois assim ele

fica mais leve e mais bonito. Foi muito importante a troca de conhecimentos para mim e para o grupo. Ela (a designer) consegue transmitir o que sabe e faz com que desenvolvemos mais nossa criatividade. Eu faço biscoitos artesanais em casa, o conhecimento das cores me ajudou na hora de desenhar e pintar os biscoitos. Quando fui pintar minha casa lembrei da Maria Odete (designer) na escolha e contraste entre as cores quentes e cores frias”

Depoimentos em áudio realizado em 21 do mês de março de 2016 as 14 horas nas dependências do Salão Paroquial São Mateus- Joinville SC.

Sra. Edila Towentta, 58 anos. Há 20 anos, participa do grupo Pontos de Amor. Função Bordadeira de Ponto Cruz;

“Sou católica e além de participar do grupo Pontos de Amor, sou coordenado de grupo Pastoral de Mães Nossa Senhora de Fatima no Bairro Jardim Kelly, Joinville SC. O grupo possui aproximadamente 20 mulheres que se encontram semanalmente as quintas feiras a partir das 14 horas nas dependências da paróquia para fazer artesanatos.

A participação no grupo Pontos de Amor e nas oficinas oferecidas pela designer são muito importantes para mim, tudo que aprendo aqui, aplico no grupo da minha igreja. As combinações de cores, as técnicas de criatividade e o reaproveitamento de materiais. Atualmente estamos utilizando uns fios para crochê que foram doados para o grupo e não sabíamos o que fazer com eles, depois das oficinas decidir incentivar as mulheres a fazer quadradinho de crochê, depois unimos vários quadradinhos e criamos trilhos para mesa estilo patchwork, com cores variadas, porém, tentamos combinar as cores na medida do possível. Atualmente tudo que chega de doação para o grupo antes de descartar procuramos saber o que pode ser feito com aquele material. O conhecimento que adquiro aqui no Pontos de Amor é multiplicado no meu grupo e na minha vida pessoal, nos meus trabalhos manuais de bordado de ponto cruz e crochê. Considero muito importante o trabalho da designer no grupo”.

Sra. Maria do Rocio Assis Pereira, 63 anos, participa do grupo há 4 anos, colabora bordando ponto cheio.

“Sou católica e participo do grupo Pastoral da Mulher, na Paróquia Nossa Senhora de Fátima sob a coordenação da Edíla. Tudo que aprendo com a Maria Odete ajudo a Edíla a aplicar no grupo. Ao diminuir o tamanho dos bordados nas faixas para aplicar em fronhas, toalhas de banho e rosto percebi que consigo bordar muito mais faixas. Aprender a combinar as cores me ajuda muito na hora de compor as cores para os bordados. A troca de conhecimento com as mulheres do grupo Pontos de Amor é muito importante, pois aprendemos sobre novas técnicas artesanais e somos estimuladas a criar outras coisas a partir de coisas que gostamos com: flores e imagens”.

Sra. Eladir Miers, 69 anos. Participa do grupo há 18 anos. Responsável pelas vendas dos produtos, montagens das cestas básicas e triagem das doações que chegam na paróquia.

“A participação da designer no grupo Pontos de Amor mudou 100% as atividades do grupo. Antes da participação da Maria Odete, os produtos bordados eram vendidos por meio de rifas que eram sorteados no final do ano e o valor arrecadado era utilizado ao longo do próximo ano para comprar alimentos. A distribuição de sextas básicas era pequena, pois não tínhamos como atender muitas pessoas por falta de dinheiro para comprar alimentos, as doações de alimentos feitas por pessoas da comunidade ajudavam e ainda ajudam a manter a atividade. A partir de 2011 com a criação de novos produtos, melhoria dos acabamentos, qualidade dos materiais, e a criação de produtos a partir reaproveitamento de tecidos. O grupo passou a vender os produtos durante o ano inteiro, em bazares, entre as mulheres do próprio grupo e para outros grupos da paróquia. Assim, com as vendas constantes foi possível aumentar a quantidade de sextas básicas, passou a fornecer fraldas geriátricas para pessoas acamadas e deficientes, ajudar outros grupos, por exemplo: foi doado um fogão industrial para uma senhora que fornece refeições para crianças carentes em um bairro da periferia da cidade de Joinville que estava sem ter onde cozinhar os alimentos, pois o fogão que ela tinha era doméstico e não dava conta de cozinhar todas as refeições. A oferta de kits de higiene pessoal para o Lar Mãe Abigail, entre outras ações que podemos fazer graças as vendas dos produtos confeccionados pelas voluntárias do Pontos de Amor. Com as oficinas as mulheres aprendem cada vez mais a melhorar e criar novos produtos. A atuação da Maria Odete contribui muito para ajudar pessoas necessitadas”.

Sra. Eronildes Maria Hoepers, 66 anos participa do Grupo a 6 anos. Responsável pela costura das (aplicações em panos de louça, confecção de bolsas, jogos americanos, aventais entre outros).

“A participação nas oficinas mudou minha forma de ver a vida, passei a aceitar as coisas de forma diferente. Antes para mim as galinhas d’angola eram pretas com bolinhas brancas ou brancas com bolinhas pretas, a partir do contato com a Maria Odete aprendi que o que eu pinto ou aplico é uma representação de uma coisa real, pode ser uma flor, uma fruta ou um animal para representar posso colocar as cores e estampas que eu quiser. Outra coisa que aprendi foi a combinar as estampas e as cores, melhorar o acabamento nos trabalhos, reconhecer diferentes tipos de tecidos. Antes minhas coisas ficavam poluídas com muita informação, hoje ficam mais alegres e bonitas. E muito importante o trabalho da designer no grupo”

Os relatos apresentados pelas mulheres do grupo Pontos de Amor, revelam a importância do tratamento de forma horizontal na troca de experiências, no qual o que importa é o reconhecimento e valorização do saber individual e a forma como as mesmas utilizaram estes saberes em seus cotidianos. Desta forma, as ações do design aplicadas no grupo, extrapolaram o campo material atingindo o campo imaterial. Materialmente, pode ser percebido na melhoria da qualidade dos produtos e a aceitação dos produtos pela quantidade de vendas que o grupo tem; e de maneira imaterial, percebe-se na forma de agir e pensar das participantes, que além de aprender novas técnicas se libertaram de conceitos impostos, para criarem seus

próprios repertórios e compartilha-los conforme lhe for necessário. Sendo assim, acredita-se que a melhoria na qualidade dos produtos só foi possível após o empoderamento das mulheres, acerca de suas capacidades criativas, de julgamentos, de valorização do saber individual de cada umas e da importância de seu papel na sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A motivação inicial para a realização deste estudo foi a qualificação do processo de comunicação com grupos sociais, mais especificamente, o desafio em aperfeiçoar a comunicação com o grupo Pontos de Amor. Este desejo permeou a reflexão e estimulou a aproximação de autores que discutem, conforme sua área de conhecimento, temáticas pertinentes a design e grupos sociais, pesquisa-ação, design participativo, sensibilidade e empatia.

Conhecer o alcance do design e seu papel na sociedade possibilitou a delimitação do campo de atuação que se pretendia atingir com o problema e os objetivos da pesquisa (orientados a abordagens de design adequadas para grupos sociais, o compartilhamento de saberes, o aprimoramento de técnicas manuais, e o empoderamento dos participantes).

Destaca-se que o esclarecimento a respeito dos movimentos sociais, grupos (e a classificação destes nas diversas instituições que compõem a sociedade) contribuíram para o refinamento de informações e o planejamento de metas para aplicar nas descobertas proporcionadas pela pesquisa.

O contato com o método da pesquisa-ação, abriu um leque de possibilidades; seu processo flexível permite a exploração e o trabalho em conjunto com diferentes ferramentas do design e outras áreas do saber. A descoberta mais significativa, foi conhecer métodos de pesquisa, onde o indivíduo não atua como mero usuário do produto, e sim, por meio de suas experiências pessoais e situações que permeiam seu cotidiano, que precisam de uma intervenção, possam ser solucionadas em parceria com o design.

Na fase exploratória do processo, pesquisadores e participantes colocam os problemas que lhes são familiares e o design, com sua estrutura particular, contribui para encontrar caminhos para a solução, lembrando que estas dependerão do aceite e participação do usuário/participante. A forma colaborativa entre os envolvidos, sugeridos pela pesquisa-ação promove o surgimento de novos conhecimentos que precisam ser compartilhados com o intuito de estimular designers a atuar no design social e instigar as pessoas menos favorecidas a tomar parte da sociedade, participando de fato seja de seu grupo familiar, ou comunitário.

Ao aplicar a método da pesquisa-ação no grupo Pontos de Amor, percebeu-se o envolvimento das pessoas e suas atitudes começaram a ser mais críticas, tanto na realização das técnicas como na seleção dos materiais.

Thiollent (2011, p 25) reitera que “a ênfase na Pesquisa-Ação pode ser dada a um dos três aspectos: **resolução de problema, tomada de consciência** ou **produção de conhecimento**”. Segundo o autor, na maioria dos casos a pesquisa-ação alcança apenas um dos três aspectos, no entanto, o ideal seria que os mesmos fossem alcançados simultaneamente. O mesmo acredita que, com o amadurecimento metodológico da pesquisa-ação e uma condução adequada possam ser alcançados os três aspectos. Ao analisar o processo de aplicação da pesquisa-ação com o grupo Pontos de Amor acredita-se que estes três aspectos foram alcançados nas ações propostas com o grupo Pontos de Amor (considerando atitudes e reflexões observadas no relacionamento com as participantes como autonomia, senso-crítico, argumentação e defesa das soluções, utilização de conhecimentos abordados como a sustentabilidade e cores).

Esta afirmação pode ser ilustrada utilizando como exemplo a situação que motivou a aproximação entre a designer e o grupo (a reutilização de tecidos). A partir dela percebe-se que:

O primeiro aspecto ‘Resolução do problema’ foi concretizado considerando que atualmente o grupo possui uma linha de produtos proveniente deste material, o problema foi resolvido.

O segundo aspecto ‘Tomada de consciência’ foi atingido considerando que são perceptíveis as transformações dos envolvidos na aplicação do conhecimento técnico-científico (design amparado em metodologia) de forma individual e coletiva; além disso, as participantes têm disposição para aprender e adquirir novas habilidades (compartilhamento de experiências);

O terceiro aspecto ‘Produção do conhecimento’ se concretizou na relação entre saber formal com saber informal (Uso de informações relacionadas a combinação de cores e formas e ao reaproveitamento de materiais abordados nas oficinas).

A organização do trabalho a partir dos conceitos metodológicos do design participativo e pesquisa-ação evidencia que é possível unir saberes formais com saberes informais na solução de problemas e crescimento intelectual para participantes e pesquisadores.

A participação como voluntária e pesquisadora no grupo, proporcionou um laboratório diário no qual foi possível experimentar e aprender com as participantes novas técnicas e compartilhar com elas suas histórias de vida. Suas experiências associadas aos saberes da área do design e da pesquisa-ação produziram novas possibilidades que podem ser utilizadas com outros grupos sociais. Até aqui a conclusão que se chega é que para alcançar bons resultados e promover o empoderamento, é necessário que o designer tenha uma identificação pessoal pelo campo de atuação do design social, pois só assim, o mesmo conseguirá agir de forma empática e promover a multiplicação de saberes, através do conhecimento, sensibilização e conscientização. A imersão e humildade para ouvir são indispensáveis para trabalhar com grupos sociais, cabe ao profissional separar as informações e gestos necessário para alcançar êxitos nas ações, bem como, em determinados momentos se fazer presente ouvindo os medos, anseios e sonhos do outro que necessita em um primeiro momento ser percebido como indivíduo para depois colaborar com os desafios propostos.

A empatia ocorre naturalmente quando os envolvidos na ação possuem interesses comuns, respeito pelas opiniões alheias e humildade para buscar formas diferentes de explicar um mesmo assunto para pessoas que possuem repertórios diversos com base em seu contexto social. Estas intenções podem ser aplicadas e alcançar melhores resultados quando o fator tempo não é critério principal na obtenção de resultados, pois, nas ações desenvolvidas com grupos sociais é necessário que haja flexibilidade em relação a adequação do tempo conforme a necessidade individual de cada participante no empoderamento relacionado a ação.

Os resultados desta pesquisa responderam as inquietações iniciais da pesquisadora interessada em uma metodologia com a qual fosse possível atuar de forma horizontal em grupos sociais. Acredita-se que a tomada de consciência (cerne da pesquisa-ação), só é possível quando de forma afetiva as pessoas se tornam de fato partícipes do processo e as responsabilidades pelas ações são divididas. Assim sendo, acredita-se que o desenvolvimento de projetos apoiados no aprimoramento de técnicas, na valorização do saber informal e no compartilhamento de saberes é um campo infinito de possibilidades de atuação do design social.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014

ANDRADE, Ana Maria Queiroz de. [et al]. **Imaginário Pernambucano**: design, cultura, inclusão social e desenvolvimento sustentável. Recife: [Zoludesign], 2006.

ASSOCIAÇÃO BORDADEIRAS DE TAGUATINGA. Disponível em: <<http://www.bordadeirasdetaguatinga.com.br/>> acesso: 16, jan. 2016

BÍBLIA SAGRADA. Tradução: João Ferreira de Almeida. Revista e atualizada no Brasil. 2º ed. Sociedade Bíblica do Brasil. Barueri, SP. 2011

BORDENAVE, Juan E. D. **O que é participação**. 8.ed.: Brasiliense. São Paulo 1994.

BONSIEPE, Gui. **Design como prática de projeto**. Ed. Blucher: São Paulo, 2012.

BÜRDEK, Bernhard E. **Design: história, teoria e prática do design de produtos**. Ed. Blucher. São Paulo: 2009

CAMINO, C. P. S. dos; ROAZZI, A. SAMPAIO, L. R. **Revisão de Aspectos Conceituais, Teóricos e Metodológicos da Empatia**. Psicologia Ciência E Profissão, 2009, 29 (2), 212-227.

CASA BRASIL. Disponível em: <<http://www.casabrasil.com.br/blog/>> Acesso: 23, jan. 2016

COCCIA, Emanuelle. **A VIDA SENSÍVEL**. Cultura e Barbárie. Florianópolis, 2010

ECOERA. Disponível em: <<http://www.ecoera.com.br/2011/09/18/o-museu-a-casa/>> Acesso em: 23. Jan. 2016

ENGLER, Rita de Castro. **Design Participativo**: uma experiência no Vale do Jequitinhonha. Org. Rita de Castro Engler [et al]. Barbacena, MG. EdUEMG, 2010

DIACONIA. Disponível em:

http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/missao-diaconia/diaconia-o-que-e. Acesso em: 13, dez. 2014

Diaconia em Contexto: Transformação, Reconciliação, Empoderamento. Disponível em: <<http://fld.com.br/index.php/fld/publicacoes/>>. Acesso em: 15, mai. 2015

FERREIRA, Delson. Manual de sociologia: dos clássicos à sociedade da informação. 2. ed. São Paulo: Atlas; 2010

FICHTER, Joseph H. **Sociologia**. Ed. Herder. São Paulo: 1967

ICSID- *International Council of Societies of Industrial Design*. Disponível <em:<http://www.icsid.org>. >. Acesso em: 18, abr. 2016

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Sociologia geral. Ed. Atlas São Paulo: 2014

KRZYNARIC, Roman. **O poder da empatia**: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo. ed. Zahar. Rio de Janeiro, 2015

KUBRUSLY, Maria Emília; IMBROISI, Renato. **Desenho de fibras**: artesanato têxtil no Brasil. Senac Nacional, Rio de Janeiro, 2011

LEE, Jung-Joo; **Against Method**: The Portability of Method in Human Centered Design. Helsinki: AaltoUniversity. 2012

MARGOLIN, Victor; MARGOLIN, Sylvia. **Um modelo social de design: questões de prática e pesquisa**. Revista design em foco. Julho-dezembro. Ano/volume I. Número 001. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Pg. 43-48.

MORAES, A. M. SANTA ROSA, J.G. **Design Participativo, técnicas para inclusão de usuários no processo de ergodesign de interfaces**. ed. Rio Book`s. Rio de Janeiro, 2012

MARTINS, Carlos Benedito. **O que é sociologia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

PAPANEEK, Victor. **Desenar para el Mundo Real**. Ed. Blume. Madri, 1971

PAZMINO, Ana Verônica. **Como se cria: 40 métodos para design de produtos**. Ed. Blucher. São Paulo, 2013

PAZMINO, Ana Verônica. **Uma reflexão sobre Design Social, Eco Design e Design Sustentável**. I Simpósio Brasileiro de Design Sustentável. Curitiba, 4-6 de setembro de 2007

SANDERS, Elizabeth. **From User-Centered to Participatory Design Approaches**. In: Design and the Social Sciences. J. Frascara (Ed.), Taylor & Francis Books Limited, 2002

SANTA ROSA, José Guilherme. **Ergodesign participativo: um possível caminho para a inovação no design de interface produtos, ambientes, serviços e processos**.

_____. In.: **Ergonomia, Design Usabilidade e Interação**. MAMM/UFJE. Juiz de Fora, 2013.

Sebrae-RS incentiva artesanato de Lã. Jornal Correio do Povo- RS. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/Impresso>> Acesso em: 14, jan. 2016

SENNETT, Richard. **JUNTOS: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Ed. Record. Rio de Janeiro, 2012

SIDAWAY, Ian. **Mistura de Cores**. Ed. Ambientes & Costumes Editora Ltda. São Paulo, 2012

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-Ação**. ed. Cortez. São Paulo, 2011

AUTORIZAÇÃO

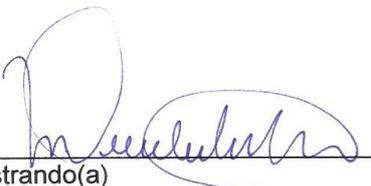
Nome do autor: Maria Odete Duarte Stahn

RG: 5277093-1

Título do Projeto Final: **A PESQUISA-AÇÃO E O DESIGN PARTICIPATIVO:
SENSIBILIDADE E EMPATIA PARA ABORDAGEM EM GRUPOS SOCIAIS**

Autorizo a Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE, através da Biblioteca Universitária, disponibilizar cópias do projeto final de minha autoria.

Joinville, 18 de abril de 2016.


Mestrando(a)